

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Luciano Alves Bezerra

**A TRADUÇÃO DE *MENINO DE ENGENHO*:
AS MARCAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA DA
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA TEORIA DE TRADUÇÃO**

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA
E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**SÃO PAULO
2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Luciano Alves Bezerra

**A TRADUÇÃO DE *MENINO DE ENGENHO*:
AS MARCAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA DA
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA TEORIA DE TRADUÇÃO**

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA
E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como atendimento à exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda

PUC - SP

2010

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho aos meus pais,
aos meus irmãos, Sandra e Eduardo,
ao Juan e ao Fabio, meu cunhado

Lutar com palavras

é a luta mais vã.

Entanto lutamos

mal rompe a manhã.

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todos nós.

Aos meus pais.

Ao meu cunhado e à minha irmã, por sempre acreditarem que este trabalho seria uma realidade em minha vida.

À Professora Sumiko, minha orientadora, pelo auxílio na redação desta pesquisa.

Ao professor John Robert Schmitz, pela leitura cuidadosa do trabalho.

À Lindinalva, cujas sugestões e ajuda foram muito importantes para a conclusão deste trabalho.

Às minhas amigas Sonia Ninomiya e Sonia Lopes, cujo apoio foram essenciais nessa jornada.

Ao CNPq, pelo financiamento.

LUCIANO ALVES BEZERRA
A TRADUÇÃO DE *MENINO DE ENGENHO*:
AS MARCAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA TEORIA DE TRADUÇÃO

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é comparar trechos da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, com sua tradução para a língua inglesa, chamada *Plantation Boy*, com vistas a examinar as imposições de natureza cultural e linguística que obrigam o tradutor a se distanciar do original. Para esse fim, apoio-me na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma teoria multifuncional, para analisar as escolhas léxico-gramaticais nos dois textos. Halliday (1970) afirma que examinar a estrutura da língua isoladamente não seria suficiente para explicar sua organização – seria também necessário levar em conta o uso da língua. A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é, por isso, uma teoria que entende a língua como um sistema semântico e sua organização ligada a funções de uso, isto é, uma relação de realização entre língua e contexto social (Martin, 1997). Entrarão também em nossa análise os procedimentos técnicos da tradução no modelo proposto por Aubert (1998).

Palavras-chave: Tradução. Literatura. Linguística Sistêmico-Funcional. Cultura. Ideologia.

LUCIANO ALVES BEZERRA
A TRADUÇÃO DE *MENINO DE ENGENHO*:
AS MARCAS LINGUÍSTICO-CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL E DA TEORIA DE TRADUÇÃO

ABSTRACT

The aim of this research is to compare parts of José Lins do Rego's *Menino de Engenho* with its English translation, *Plantation Boy*. This comparison aims at examining cultural and linguistic impositions which force the translator to keep a distance from the original text. In order to achieve this goal, we will draw on Halliday's (1985;1994) Systemic Functional Linguistics (SLF) to examine the lexico-grammatical choices in both texts. Halliday (1970) claims that in order to understand language's organization, one must examine not only the structure of a language but also its usage. Systemic Functional Linguistics (SLF) is, therefore, a theory that sees language as a semantic system whose organization is linked with its usage, that is, a relationship between language and social context (Martin, 1997). We will also draw on Aubert's (1998) technical translation procedures.

Keywords: Translation. Literature. Systemic Functional Linguistics. Culture. Ideology.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Comparação entre original e tradução	13
QUADRO 2 - Relação entre os sistemas semióticos	45
QUADRO 3 - Modalidade na LSF	46
QUADRO 4 - Avaliação (Fonte: Martin, 2000).....	47
QUADRO 5 - Recursos de <i>APPRAISAL</i> (Fonte: Sarangi & Martin 2003)	48
QUADRO 6 - Excerto (1).....	58
QUADRO 7 - Excerto (2).....	60
QUADRO 8 - Excerto (3).....	60
QUADRO 9 - Excerto (4).....	61
QUADRO 10 - Excerto (5).....	61
QUADRO 11 - Excerto (6).....	62
QUADRO 12 - Excerto (7).....	62
QUADRO 13 - Excerto (8).....	63
QUADRO 14 - Excerto (9).....	63
QUADRO 15 - Excerto (10).....	64
QUADRO 16 - Excerto (11).....	64
QUADRO 17 - Excerto (12).....	66
QUADRO 18 - Excerto (13).....	66
QUADRO 19 - Excerto (14).....	66
QUADRO 20 - Excerto (15).....	67
QUADRO 21 - Excerto (16).....	67
QUADRO 22 - Excerto (17).....	67
QUADRO 23 - Excerto (18).....	67
QUADRO 24 - Excerto (19).....	68
QUADRO 25 - Excerto (20).....	69
QUADRO 26 - Excerto (21).....	69
QUADRO 27 - Excerto (22).....	71
QUADRO 28 - Excerto (23).....	71
QUADRO 29 - Excerto (24).....	72
QUADRO 30 - Excerto (25).....	73
QUADRO 31 - Excerto (26).....	73
QUADRO 32 - Excerto (27).....	74
QUADRO 33 - Excerto (28).....	74

QUADRO 34 - Excerto (29).....	75
QUADRO 35 - Excerto (30).....	75
QUADRO 36 - Excerto (31).....	76
QUADRO 37 - Excerto (32).....	77
QUADRO 38 - Excerto (33).....	77
QUADRO 39 - Excerto (34).....	78
QUADRO 40 - Excerto (35).....	79
QUADRO 41 - Excerto (36).....	79
QUADRO 42 - Excerto (37).....	79
QUADRO 43 - Excerto (38).....	80
QUADRO 44 - Excerto (39).....	80
QUADRO 45 - Excerto (40).....	81
QUADRO 46 - Excerto (41).....	82
QUADRO 47 - Excerto (42).....	82
QUADRO 48 - Excerto (43).....	83
QUADRO 49 - Excerto (44).....	83
QUADRO 50 - Excerto (45).....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 Estudos sobre a tradução	18
1.2 Sobre <i>Menino de Engenho</i>	26
1.3 Sobre José Lins do Rego	28
1.4 Saussure: a subjetividade relegada a segundo plano	30
1.5. A construção e a transformação do significado	31
1.6 A hipótese Sapir-Whorf.....	34
1.7 Sobre o Real e o Discurso	37
1.8 Sobre a ideologia	40
1.9 A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).....	42
1.9.1 A metafunção interpessoal: a avaliação	46
1.9.2 A LSF e a tradução	49
1.9.3 A metafunção textual: a organização da mensagem	50
1.9.4 O tema em Português	52
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	55
2.1 Dados	55
2.2 A escolha da metodologia	55
2.3 O contexto de cultura: um breve resumo da obra.....	57
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	58
3.1 Discussão dos resultados	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

INTRODUÇÃO

É provável que a concepção da grande maioria dos leitores a respeito de uma obra traduzida seja a de que têm diante de si um texto que reproduz, com fidelidade, todas as características da obra original. Traduzir seria, nessa perspectiva, a simples substituição das palavras de uma língua fonte pelas palavras equivalentes em uma língua alvo. O papel do tradutor, conseqüentemente, limitar-se-ia a uma tarefa mecânica e objetiva, na medida em que nada de sua subjetividade ou de seu aparato histórico-cultural fosse capaz de interferir nesse processo.

Conforme lemos em House (2006), pessoas linguisticamente ingênuas em geral enxergam a tradução como um tipo de texto que seria a 'reprodução' de um texto originalmente escrito em outra língua. Contudo, na opinião de Timoczko (2007), essa visão sobre o que seja a tradução não está restrita apenas às pessoas comuns – ou linguisticamente ingênuas –, como diz House. Para ela, um grande número de especialistas em tradução também a enxerga como o resultado do transporte de um texto de uma determinada língua para outra. Segundo Arrojo (2003), essa postura é resultado da visão logocêntrica – da crença na estabilidade do significado – que a tradição ocidental tem dessa atividade.

O que diriam esses leitores, caso, após a leitura de um livro como *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, se deparassem com uma tradução da obra para o inglês e vissem que muito do que ele lera no original não consta da tradução ou que esta inclui situações inexistentes no original?

Para esclarecer essa questão – das injunções de natureza diversa a que estão submetidos tradutores e suas traduções – e que se revelam na língua, recortamos alguns trechos da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, traduzida por Emmi Baum. Nela, a tradutora ou eufemiza a tradução dos vocábulos considerados de baixo calão e aqueles que fazem menção ao sexo, ou elimina outros, como nos exemplos do Quadro 1:

Quadro 1 - Comparação entre original e tradução

Texto original	Tradução
<p>(1) Nas paredes de barro havia sempre santos dependurados, e num canto a cama de tábuas, onde <u>há mais de um século faziam o seu coito e pariam os seus filhos</u>. (p. 55)</p>	<p>(1a) <i>The walls were covered with pictures of saints, and one corner was occupied by a bed with wooden boards on <u>which for hundreds of years generations of slave children had been conceived and born</u>.</i> (p.49)</p>
<p>(2) Sabia ruindades, puxara demais pelo sexo, era um menino prodígio da porcaria. E ali, sozinho, no quarto, os pensamentos maus me conduziam às gostosas masturbações. <u>A negra Luísa</u> me deixara, andava de <u>barriga empinada</u>, com as dificuldades e os medos da <u>primeira cria</u>. Estava <u>preнга</u> e não sabia de quem. Diziam que era de todos os <u>cambiteiros</u> do Santa Rosa.</p>	<p>(2a) <i>I was only proficient in dirty things; I was a boy wonder when it came to filth. And there alone in my room, evil thoughts came to me and I committed those pleasurable acts of masturbation. <u>Luísa</u> had left me. She walked about with a <u>swollen</u> belly, experiencing all the difficulties and fears of her <u>first child</u>. She was <u>pregnant</u>, but did not know by whom. They said that it was the combined effort of all the <u>hands</u> on the plantations.</i></p>

Vê-se, nesses exemplos, que as escolhas léxico-gramaticais alteram, de modo significativo, o tom e também a representação das personagens do romance. A ideologia da tradutora parece materializar-se na seleção lexical e na forma como ela dispõe as palavras nas frases. Além disso, os exemplos deixam claro que é impossível falar em apagamento do tradutor ou em tradução literal, no sentido de que todas as palavras de um texto A seriam transportadas para o texto B, sem quaisquer interferências de ordem linguística ou ideológica do tradutor.

Algumas possíveis respostas para esse fato poderiam ser: (a) nenhum tradutor se apaga ao traduzir uma obra; (b) o tradutor não está livre das imposições sócio-culturais da comunidade da qual ele faz parte, ou seja, o modo de enxergar as coisas é diferente entre as culturas; (c) há injunções de ordem linguística que limitam as escolhas léxico-gramaticais que devem ser feitas pelo tradutor.

Para Silverstein (2003 apud RUBEL; ROSMAN, 2003), o problema da tradução é cultural e não individual. A mente individual opera num dado contexto cultural. Portanto, quando traduzimos, o que está em jogo não é apenas o conhecimento proposicional atribuído à mente individual, mas também a

comunicação do conhecimento cultural. Todo ato tradutório é um ato social que envolve relações sociais, que transforma e atravessa fronteiras.

Toda tradução, diz Arrojo (2003), por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador. Toda tradução, por mais simples e breve que seja, revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e, não, meramente, uma compreensão “neutra” e desinteressada ou um resgate comprovadamente “correto” ou “incorreto” dos significados supostamente estáveis do texto de partida. Portanto, “nenhuma tradução será [...] “neutra” ou “literal”; será, sempre e inescapavelmente, uma leitura” (ARROJO, 2003:68). Sendo assim, o significado de um romance estrangeiro na língua estrangeira em que foi produzido nunca será exatamente o mesmo que o significado daquele romance numa tradução destinada a circular em outra língua, diz Venuti (1995). Talvez isso explique o porquê de alguns *best-sellers* nem sempre repetirem seu sucesso num país estrangeiro quando traduzidos.

Segundo Landers (2001) e Munday (2008), tanto norte-americanos quanto ingleses demonstram certa resistência à leitura de textos traduzidos; quando os leem, esperam um texto cuja tradução soe tão natural que pareça ter sido escrita originalmente em inglês. Nos Estados Unidos, conforme afirma Venuti (2001:312), questões de ordem econômica inevitavelmente afetam as estratégias de tradução, as quais, desde a década de 1940, têm sido dominadas por uma fluente domesticação. Assim, domesticar o texto traduzido ou permitir que marcas da cultura estrangeira sejam percebidas pelo leitor do texto alvo são os dois métodos de tradução propostos por Schleiermacher (1813, apud VENUTI, 2001). Segundo ele, o tradutor teria duas direções possíveis:

- 1ª - deixar o autor em paz e conduzir o leitor até ele, ou seja, transferir as formas estrangeiras do original para a língua-alvo, ou
- 2ª - deixar o leitor em paz e conduzir o autor até o leitor, isto é, traduzir de tal forma que a tradução pareça fluente na língua-alvo.

O significado é o resultado de processos interpretativos. A compreensão que temos de um texto variará de pessoa a pessoa de acordo com as experiências em nossa interação com o texto, e, assim, um texto não tem um significado único e invariante para todos os leitores. Habitamos num mundo de significados –

relativamente – instáveis; o papel do leitor é o de um intérprete, e não o de mero recipiente passivo.

Nesse domínio, o objetivo desta pesquisa é comparar a versão original com a tradução para a língua inglesa do livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, com vistas a examinar as imposições de natureza cultural e linguística que obrigam o tradutor a se distanciar do original.

Para esse fim, apoio-me na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma teoria multifuncional, para analisar as escolhas léxico-gramaticais presentes nos dois textos. O foco nas escolhas se deve ao fato de que, para os systemicistas, a gramática de uma língua é um sistema de opções no qual os falantes fazem ‘escolhas’ conforme circunstâncias sociais, assumindo que opções formais têm significados contrastantes e que as escolhas de formas são sempre significativas. (Cf. HALLIDAY, 1994). A propósito, dois systemicistas, Eggins e Martin (1997) propõem a Teoria de Gêneros e Registros (TGR) - teoria da variação funcional que permite avaliar as diferenças entre textos, além das motivações contextuais para essas diferenças. O que distingue a Linguística Sistêmica é que ela procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

Segundo Figueredo (2006), a LSF também conta com sólida base para análise de traduções literárias. Van Leuven-Zwart (1989, apud MUNDAY, 2008), por exemplo, desenvolve um modelo para o estudo das mudanças na tradução de textos literários espanhóis e holandeses. Num conjunto de três artigos, cada um dos quais dedicado a uma das metafunções hallidianas, Dourado, Gil e Vasconcellos (1995) analisam a tradução de um conto de Hemingway para o português.

Munday (1998) estuda como a progressão temática foi realizada em um conto de García Márquez em sua tradução para o inglês. Pagano (2005) discute a análise e a classificação dos elementos temáticos nas traduções, para o português e o espanhol, do romance *Kim*, de Rudyard Kipling, e das histórias de García Márquez traduzidas para as línguas portuguesa e inglesa.

Cunha (1972) e Sodré (1973) afirmam que uma ideologia dominante específica é responsável pela configuração genérica de qualquer obra literária, inclusive a de ficção científica, e que isso se materializa nos textos através das escolhas linguísticas. Com base em Halliday e Matthiessen (2004), os quais atribuem à organização textual a responsabilidade pelo desenvolvimento da

informação, sua investigação identificou padrões na organização textual do conto, pelo exame de sua organização temática e macrotemática. Os elementos interpessoais e experienciais na posição de Tema foram examinados com o propósito de entender como o autor e o tradutor avaliam a informação dada e as representações construídas.

Perguntas de pesquisa:

Na tradução de *Menino de Engenho* para o inglês,

- (a) que diferenças há entre as escolhas léxico-gramaticais e temáticas do original *Menino de Engenho* e a sua tradução?
- (b) quais as implicações dessas escolhas?

Justificativa da pesquisa

O interesse por esta pesquisa nasceu após a leitura de livros que discutiam a influência exercida pela língua em nosso comportamento e visão de mundo e também a busca pela língua perfeita, unívoca e o conseqüente desejo do homem em controlá-la, ou seja, em domesticar-lhe os sentidos.

A partir dessas leituras, meu interesse voltou-se para a tradução de textos literários, pois me interessava ver como se processava essa passagem de um texto, linguística e culturalmente marcado, para um outro complexo linguístico-cultural.

Assim, passei a cotejar obras literárias em língua inglesa traduzidas para o português e outras de autores brasileiros traduzidas para o inglês. Examinei a obra de Clarice Lispector, que foi traduzida para o inglês e o francês na década de 1980 e que, segundo Bassnett (2007), foram traduções realizadas num momento em que o continente sul-americano era objeto de fascinação nos círculos literários europeus e no qual escritores como Borges, Garcia Marquez e Vargas Llosa eram tratados como celebridades. Apenas para se ter uma ideia, *Cem Anos de Solidão*, de García Márquez, traduzido pelo norte-americano Gregory Rabassa, em 1970, obteve enorme sucesso de vendas, permanecendo na lista de livros mais vendidos do *New York Times* por várias semanas (VENUTI, 1995). Lispector, por sua vez, preencheu uma lacuna bastante específica nesse cenário: era mulher, brasileira e traduzida com muita competência por, entre outros, Giovanni Pontiero. Sua obra, conseqüentemente, foi bastante lida e Clarice acabou desfrutando, fora do seu país, uma posição bastante privilegiada.

Para a minha surpresa, após ler *A Hora da Estrela*, cuja tradução, realizada por Giovanni Pontiero em 1986, recebeu o nome de *The Hour of the Star*, percebi que muitas coisas eram ditas de forma que era significativamente diferentes daquilo que eu esperava encontrar na tradução e que, por algum motivo, me causavam certo desconforto. Foi assim que resolvi ler outras obras, tais como *The Man that Corrupted Hadleyburg*, de Mark Twain, traduzida em 1984 por Paulo Rónai e em 1998 por Alípio Correia de Franca Neto; *Macbeth*, de Shakespeare, e duas de suas traduções, uma feita por Manuel Bandeira, em 1956, e a outra, por Beatriz Viégas-Faria, em 2000; de Graciliano Ramos, li *Vidas Secas*, ou *Barren Lives*, como ficou conhecido em sua tradução para o inglês, feita por Ralph Edward Dimmick, em 1961.

Entretanto, foi para a obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, que meu interesse se voltou de modo mais acentuado. Isso se deu não apenas pelo fato de se tratar de obra regionalista – o que, por si, já coloca o tradutor diante de problemas de ordem cultural em geral insolúveis –, mas também por querer analisar como as escolhas da tradutora mudava o rumo da(s) interpretação(ões).

A estrutura desta dissertação

Início a pesquisa, falando sobre o livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, após o que apresento, por meio das palavras de José Aderaldo Castelo (1961), a vida e a obra desse escritor regionalista brasileiro.

A seguir, teço comentários sobre a fundamentação teórica, na qual pode-se ver com maior clareza o porquê de utilizarmos a LSF em nossa pesquisa. As duas seções seguintes trazem algumas informações sobre questões referentes ao significado fixo e único e à transparência X ambiguidade da linguagem. Saussure e a questão da subjetividade na linguagem é o assunto abordado na sequência. A construção e a transformação do significado e a hipótese Sapir-Whorf vêm logo após. Intimamente relacionado ao tópico anterior, de como a linguagem molda a forma como enxergamos a realidade, está a discussão sobre o real e o discurso, momento no qual recorreremos aos escritos de Mills (2004), que apresenta, de forma muito esclarecedora, como Foucault trata da interface real X discurso. A Linguística Sistêmico-Funcional e a ideologia são os tópicos discutidos antes da metodologia. Esta antecederá a análise, a discussão dos resultados e, finalmente, as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - Estudos Sobre A Tradução

O interesse pela tradução é praticamente tão antigo quanto à civilização humana. Segundo a tão famosa narrativa mítica de Babel, encontrada no livro do Gênesis, capítulo 11:1-9, Deus pôs-se contra a idealização do projeto de construção de uma torre que, conforme era o desejo daqueles que se encontravam na planície de Sinear, quando pronta, alcançaria os céus. Como todos falavam uma única língua, a forma encontrada por Deus para impedir que tal projeto fosse bem-sucedido foi confundir-lhes as línguas. Com a confusão instalada, não restava outra coisa senão abandonarem o projeto e se dispersarem. A partir daí, a comunicação entre eles só foi possível por intermédio da tradução.

Atividade tão antiga entre os homens, não é de admirar, portanto, que muito já tenha sido escrito e discutido sobre ela. Segundo Baker (2001), a vasta literatura sobre tradução remonta aos dias de Cícero, no primeiro século a.C. Entretanto, como disciplina acadêmica, os Estudos de Tradução são relativamente recentes, não tendo mais do que algumas décadas de existência. Na verdade, a academia tem se dedicado à tradução há muito mais tempo, principalmente nas áreas de Literatura Comparada e de Linguística Contrastiva. Contudo, foi apenas a partir da segunda metade do século XX que se começou a discutir sobre a necessidade de se conduzir um estudo sistemático sobre a tradução e de se desenvolver teorias coerentes sobre ela.

No início dos anos 1950 e ao longo de toda a década de 1960, os Estudos de Tradução eram basicamente vistos como um ramo da Linguística Aplicada, e a Linguística era, de modo geral, vista como a principal disciplina capaz de englobar os estudos sobre a tradução. Na década de 1970 e principalmente durante os anos 1980, pesquisadores de tradução deram maior enfoque à criação de modelos teóricos e a metodologias emprestadas de outras disciplinas, tais como a Psicologia, a Teoria da Comunicação, a Teoria Literária, a Antropologia, a Filosofia e, mais recentemente, aos Estudos Culturais. Baker destaca que, apesar de haver várias perspectivas teóricas a partir das quais a tradução pode ser estudada (abordagens comunicativas/funcionais, linguísticas, a Teoria dos Polissistemas e as abordagens psicolinguísticas/cognitivas), é preciso ter em mente que nenhuma delas, por mais

sofisticada que seja, é capaz de responder a todas as questões levantadas nessa disciplina nem de proporcionar as ferramentas e a metodologia necessárias para se conduzir pesquisas em todas as áreas relacionadas aos Estudos de Tradução.

No decorrer dos séculos, muitas foram as imagens com as quais os tradutores foram associados. Milton (1998) fez um interessante estudo sobre essas imagens, das quais destacamos algumas. No período renascentista (1550 a 1650), por exemplo, as imagens predominantes são as relativas a se seguirem os passos exatos do autor, ao tradutor como servo ou escravo, e o trabalho do tradutor como sendo infinitamente inferior ao original; após 1650, a imagem sofre uma considerável mudança. Agora, elas retratam o tradutor como sendo aquele que preserva a “chama” do original, acrescentando algo de si para preservar a “essência” do original. O tradutor deixa de ser um servo e passa a ser um amigo e conselheiro, o qual pode ter acentuada afinidade com o autor.

Mas é dos alemães do fim do século XVIII e do início do século XIX que vêm as imagens mais positivas do tradutor. Ele é visto como um esotérico semideus, a “estrela da manhã”, um profeta, um guia para a Utopia que fará da literatura alemã o centro da mais alta criação artística e que proporcionará infinitas possibilidades através da introdução das formas e das ideias das grandes literaturas do mundo.

Outra imagem bastante positiva sobre o tradutor é a que encontramos na “Introdução dos tradutores” da versão autorizada da Bíblia Sagrada de 1611; nela, o tradutor é descrito como alguém que retira o véu que fornece a luz:

“É a tradução que abre a janela, para deixar a luz entrar; que quebra a casca, a fim de podermos comer a polpa; que abre a cortina, a fim de podermos olhar o lugar mais sagrado; que remove a tampa do poço, a fim de podermos tirar água...”.

Bastante diferente dessa bela descrição encontrada na introdução da famosa bíblia inglesa, estão as imagens que se referem a alguém desajustado, que impede a luz de entrar e que, segundo Milton (1998), estão entre as mais comuns nos dois últimos séculos.

Atualmente, no mundo globalizado no qual vivemos, as traduções estão cada vez mais presentes em nossa vida. No Brasil, por exemplo, onde 80% dos livros de prosa, poesia e referência, bem como manuais e catálogos são traduzidos, a tradução é uma atividade bastante intensa, e sua importância na sociedade,

inegável (Wyler, 2003). No caso dos textos literários, como os leitores não-profissionais de literatura são, no presente, expostos à literatura mais frequentemente por meio de reescrituras do que por escritura, e já que se pode demonstrar que a reescritura teve um impacto não desprezível sobre a evolução das literaturas no passado, o estudo das reescrituras não deve ser negligenciado (Lefevere, 2007).

Chesterman (1998) fala em três abordagens na Teoria da Tradução, que, segundo ele, têm sido usadas para se entender a Tradução. A primeira delas, e a mais antiga, é a **Equativa** (The Equative View). Essa abordagem voltava-se para a tradução da Bíblia, tendo por base a definição matemática de equivalência, que denota uma relação reversível na qual $A = B$ e $B = A$. A visão grega clássica de linguagem era arquitetônica, ou seja, a linguagem é uma estrutura composta de elementos e palavras que funcionam como signos. Os signos representam significados e os significados são absolutos, imutáveis, são a manifestação do ideal. Traduzir, para Agostinho, por exemplo, significava decompor a estrutura original, extraíndo-lhe os tijolos com os quais fora construída, e construir uma nova estrutura com os mesmos tijolos. A identidade de significados era sustentada (e de fato garantida) por uma visão particular de linguagem, que incluía certas crenças sobre o significado. A ênfase, portanto, era na tradução literal, baseada, essencialmente, num enorme respeito pelo texto original.

Surgem, então, propostas que veem a equivalência não como um conceito unitário, mas composta de diversos tipos. Essa nova maneira de entender a Tradução foi chamada de **Abordagem Taxonômica**. Nessa abordagem, classificam-se os textos por ordem de importância e atribuem-se a eles uma hierarquia de tipos de equivalência. Num nível mais teórico, muitas taxonomias de equivalência foram propostas durante os últimos trinta anos. Uma das primeiras e mais influentes propostas dessa época foi feita por Nida, em 1964, ao propor uma distinção entre a equivalência formal e a equivalência dinâmica. Essa divisão binária se dá, de um lado, entre forma X significado de uma mensagem, e do efeito da mensagem, de outro. A principal contribuição de Eugene Nida, segundo Chesterman (1998), foi ter conseguido mudar o enfoque teórico do texto enquanto tal para o texto como é usado pelas pessoas, ou seja, uma mudança rumo à pragmática, aos usuários e aos intérpretes.

A terceira corrente de pensamento, chamada de **Relativista**, rejeita as noções de identidade e de equivalência. Para Snell-Hornby (apud CHESTERMAN, 1998), a equivalência não passa de uma ilusão. São as três principais linhas de argumentos usadas para sustentar a posição contrária à equivalência. O primeiro argumento diz respeito à rejeição da ideia de igualdade como um critério para qualquer relação entre língua-fonte e língua-alvo, e sua substituição por termos de natureza mais relativa, tais como semelhança (*similarity*), correspondência (*matching*), ou semelhanças de família, nos termos de Wittgenstein. Esse último termo é particularmente interessante porque retoma a ideia de Wittgenstein de que não há como estabelecer limites precisos para os conceitos e de que exemplares de um dado conceito como o de “jogo”, por exemplo, assemelha-se a outras coisas que, embora sejam chamadas de “jogo”, são muito diferentes.

O segundo argumento relativista contra a equivalência recorre aos *estudos cognitivos*, desenvolvidos de forma mais convincente por Gutt (1991). Conforme essa linha de raciocínio, a interpretação de qualquer enunciado é uma função do próprio enunciado e do estado cognitivo do intérprete, ou seja, interpretamos as coisas à luz daquilo que já sabemos. Duas pessoas jamais podem encontrar-se exatamente no mesmo estado cognitivo, pois a história cognitiva jamais será exatamente a mesma entre as pessoas. Portanto, um enunciado não pode ser interpretado da mesma forma por duas pessoas diferentes.

A terceira linha de argumentação vem dos estudos de Literatura Comparada e da Tradução Literária. Autores como Toury (1980, 1995) têm tentado dar novo rumo à prioridade estabelecida entre o binômio fonte X alvo, alegando que à Teoria da Tradução caberia dar relevância à cultura-alvo como seu ponto de partida, e não à cultura-fonte. Afinal, é a cultura-alvo que decidirá se algo é ou não uma tradução. As traduções literárias entram no polissistema da cultura-alvo e não no da cultura-fonte. Isso significa que, em vez de partir de um texto-fonte e prescrever de antemão algum tipo de equivalência que a tradução desse texto deveria supor, deveríamos partir de traduções existentes e então examinar os vários tipos de semelhanças/relações que existem entre elas e os textos fonte.

Além de Toury (1980, 1995) e de Lefevere (1992), Reiss e Vermeer (1984) deram prioridade àquilo que denominaram de *skopos* (propósito, objetivo) da tradução. Eles rejeitam a alegação de que uma tradução deve alcançar, automaticamente, o mesmo *skopos* do original. O que conta no processo tradutório,

segundo eles, não é o *skopos* do original, mas o da tradução. O objetivo da tradução pode ser bastante diferente do do texto-fonte, tal como um texto em verso traduzido em prosa ou um romance adaptado para o público infantil. As traduções têm muitos propósitos e são de tipos variados.

Segundo Chesterman (1998), a maioria dos estudiosos de Teoria da Tradução tendem, atualmente, a rejeitar a equivalência como uma suposição identitária em todas as suas formas (formal, semântica, pragmática, situacional etc.). Eles argumentam que tal posição é teoricamente indefensável e que, se vista a partir de bases empíricas, essa posição deturpa aquilo que os tradutores realmente fazem. A relação de semelhança relevante entre o texto-fonte e o texto-alvo não é dada a priori, mas ganha forma na mente do tradutor sob várias restrições, as mais importantes das quais são o propósito do texto traduzido e do ato tradutório.

Embora traduções sejam feitas e comentadas há séculos, pode-se afirmar que foi nos últimos 60 anos que o estudo da tradução enquanto disciplina acadêmica realmente teve início (MUNDAY, 2008). Antes desse período, a tradução, com frequência, não passava de um instrumento para o aprendizado de idiomas nos cursos de línguas modernas. Na verdade, a partir do fim do século XVIII até os anos de 1960, o aprendizado de línguas nas escolas secundárias de muitos países vieram a ser dominados por aquilo que ficou conhecido como Método de Gramática e Tradução. Segundo Bassnett (2003), os anos oitenta foram uma década de consolidação para a novíssima disciplina conhecida como Estudos de Tradução.

Ao longo dos anos oitenta, assistiu-se a um crescimento constante do interesse pela teoria e prática da tradução e, nos anos noventa, os Estudos de Tradução tornaram-se finalmente numa disciplina de direito próprio, na década que testemunhou a sua globalização. Considerada no passado uma atividade marginal, a tradução começou a ser olhada como ato fundamental do intercâmbio humano e nunca o interesse por ela suscitado foi maior do que hoje em dia, em que o estudo da tradução acompanha o aumento da sua prática em todo o mundo.

Não obstante, e apesar da diversidade de métodos e abordagens, existe um traço comum à maior parte da investigação em Estudos de Tradução: a ênfase nos aspectos culturais da tradução e nos contextos em que a tradução ocorre. Considerada outrora uma subdivisão da Linguística, a Tradução é hoje entendida como uma área de investigação interdisciplinar e o elo indissolúvel entre língua e cultura tornou-se o ponto central do interesse acadêmico.

Finalmente, de grande interesse para os Estudos de Tradução, estão também os procedimentos técnicos da tradução do modelo proposto por Aubert (1998). Segundo esse modelo, são treze as modalidades de tradução:

1. *Omissão*. Ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta. As omissões podem ocorrer por muitos motivos, desde censura até limitações físicas de espaço (no caso de textos multilingues, legendagem de filmes, e situações similares), irrelevância do segmento textual em questão para os fins do ato tradutório específico – fins esses que nem sempre coincidem com os propósitos do ato de comunicação que gerou o Texto Fonte –, etc.

2. *Transcrição*. Segundo Aubert (1998), esse é o verdadeiro ‘grau zero’ da tradução. Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (p. ex. algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte (como, por exemplo, frases e aforismos latinos – *alea jacta est*). Ocorre, ainda, transcrição sempre que o Texto Fonte contiver uma palavra ou expressão emprestada na Língua Meta.

3. *Empréstimo*. Um empréstimo é um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimo (aspas, itálico, negrito, etc.). Nomes próprios (inclusive topônimos) constituem objetos privilegiados de empréstimo, bem como termos e expressões tendo por referentes realidades antropológicas e/ou etnológicas específicas.

4. *Decalque*. Uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte mas que (i) foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Meta e (ii) não se encontra registrada nos principais dicionários recentes da Língua Meta [...].

5. *Tradução Literal*. No modelo descrito aqui apresentado, o conceito de tradução literal é sinônimo de tradução palavra-por-palavra e em que, comparando-

se os segmentos textuais fonte e meta, se observa: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as ‘mesmas’ categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos, como em

Her name is Mary → Seu nome é Mary.

6. *Transposição*. Esta modalidade ocorre sempre que pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos. Assim, por exemplo, se duas ou mais palavras forem fundidas em uma única (como em **I visited** → *Visitei*) ou, ao contrário, se uma palavra for desdobrada em várias unidades lexicais (por exemplo **Kindergarten** → *Jardim de Infância*), ou se a ordem das palavras for alterada (inversões e deslocamentos, como em **remedial action** → ação saneadora), ou se houver uma alteração de classe gramatical (por exemplo, **should he arrive late** → *se ele chegar atrasado*) ou quaisquer combinações dos anteriores, por mais ‘literais’ que os respectivos significados se apresentem, não constituirão segmentos textuais estruturalmente literais, sendo, assim, classificados como *transposições*. Vale destacar que as *transposições* podem ser obrigatórias – impostas pela estrutura morfossintática da língua alvo – ou facultativas, a critério do tradutor.

7. *Explicitação/Implicação*. São duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta (por exemplo, por meio de aposto explicativo ou parentético, paráfrase, nota de rodapé, etc.) ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas.

8. *Modulação*. Ocorre modulação sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos. Ou, para retomar Saussure, os *significados* são parcial ou totalmente distintos, mas mantém-se, em termos genéricos, o mesmo *sentido*. Por exemplo:

Deaf as a doornail → *Surdo como uma porta*

It's very difficult → *Não é nada fácil*

Articles of Association → *Contrato Social*

Corporal Imbecility → *Impotência*

9. *Adaptação*. Esta modalidade denota uma assimilação cultural; ou seja, a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de *sentido*, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido, mas abandona qualquer ilusão de equivalência 'perfeita'. Incluem-se, frequentemente, nessa modalidade os falsos cognatos culturais. Veja-se, por exemplo,

Hobgoblin → *Saci-Pererê*

Squire → *Juiz da Paz*

Sheriff → *Delegado de Polícia*

MA in Linguistics → *Mestrado em Letras*

10. *Tradução intersemiótica*. Em determinados casos, particularmente na tradução dita 'juramentada', figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares constantes do texto fonte vêm reproduzidos no texto meta como material textual, como em

[No canto superior esquerdo, brasão da Província de Ontário.]

ou

[À página 4, foto e firma do titular deste passaporte, bem como carimbo e assinatura ilegível da autoridade emitente.]

11. *Erro*. Somente os casos evidentes de 'gato por lebre' incluem-se nesta modalidade, como

...only twenty per cent from the schools make the grade → ... 20%
seulement des écoles conduisent leurs élèves au succès.

Esta categoria não abarca, portanto, as soluções tradutórias percebidas como 'inadequadas', estilisticamente inconsistentes, etc., visto que poderia redundar em fortes distorções nos resultados finais.

12. *Correção*. Com certa frequência, o texto fonte contém erros factuais e/ou linguísticos, inadequações e gafes. Se o tradutor optar por ‘melhorar’ o texto em comparação com o texto fonte, considerar-se-á ter ocorrido uma correção, como em

The current US deficit amounts to several hundred *million* dollars → O *déficit atual dos EUA monta a centenas de bilhões de dólares*.

13. *Acréscimo*. Trata-se de qualquer segmento textual incluído no texto alvo pelo tradutor por sua própria conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original. O acréscimo não deve ser confundido com qualquer das formas de transposição (tipicamente uma palavra como tradução de um sintagma inteiro), nem com a explicitação. Acréscimos podem ocorrer em várias circunstâncias distintas, por exemplo, na forma de comentários velados ou explícitos do tradutor, quando fatos que tenham ocorrido após a produção do texto fonte justifique a elucidação.

1.2 - Sobre *Menino de Engenho*

Nos Estados Unidos, a tradução da obra ficou a cargo de Emmi Baum, contratada pela editora Knopf. Em 1966, *Menino de Engenho*, que em inglês ficou conhecido como *Plantation Boy*, alcançou o público norte-americano.

Sobre as características de *Menino do Engenho*, Hallewell (2005) diz que, em fins de junho de 1932, época em que a obra foi publicada, Gastão Cruls, em seu *Boletim de Ariel*, de outubro de 1932, teceu comentários favoráveis à obra, entre os quais o de que ela merecia melhor sorte do que aquela que comumente se reserva no Brasil a um novo escritor, mesmo talentoso, e elogiando especialmente “a maneira clara e despretensiosa com que tudo [...] é narrado, sem arrebiques de estilo e a preocupação dos adjetivos, sem torneio de períodos e a balofa retórica da nossa falsa literatura”.

João Ribeiro (1932), ao explicar por que o livro exercera tamanho fascínio sobre seus leitores, diz que “o seu realismo pode acaso desagradar a algumas pessoas que não amam a verdade senão colorida, engalanada em eufemismos convencionais. É a vida tal como ela é: por isso mesmo, empolga a atenção e a curiosidade do leitor. O autor, bem se vê, é um homem novo, escritor desabusado

mas completo, e cheio de talento, conhecedor da sua arte. É um livro de primeira ordem” (REGO, 2006:21).

Pedro Dantas, por sua vez, considera o livro “um dos mais característicos, dos mais saborosos que possuímos. O seu estilo é oral. E esse estilo oral “atrai e liga os episódios, delinea as personagens, dá unidade à obra e em certo sentido a compõe” (Rego, 2006:24).

Traduzida para mais de sete idiomas, a boa crítica não se limitou a terras brasileiras, contudo. O escritor francês Blaise Cendrars, por exemplo, que traduziu *A Selva*, de Ferreira Castro, escreveu o seguinte comentário ao receber de Paulo Prado um exemplar do livro de Lins do Rego:

“Sinto-me incapaz de contar a vocês como é escrito. Não há frases, quase que não há palavras e as que são usadas são tão correntes e apagadas como pobres vinténs e é difícil acreditar que encerrem um valor suficiente para exprimir o que uma alma de criança tem de mais precioso a dizer e a formar um tesouro. Quase que tudo está coberto por uma terra ardente que irradia tristeza sob a felicidade de viver, de existir. Não sei como acontece isto, mas quando leio estas páginas, passarinhos saltitam de uma linha para outra. Meu sangue bate mais depressa. Todo o Brasil está neste livro transparente. (VILLAÇA, in REGO, 2006:19).

Nos Estados Unidos, em artigo escrito por Charles Wagley e publicado no jornal *New York Times* em 12 de junho de 1966, Lins do Rego é apresentado como um dos romancistas mais destacados do Brasil. Segundo Wagley, o papel desempenhado por ele no campo da ficção é semelhante ao de Gilberto Freyre na História Social. Lins do Rego não era conhecido como um estilista, como foi Graciliano Ramos, nem como um contador de histórias mágico, como foi Jorge Amado. Entretanto, mais do que qualquer outro romancista nordestino, ele retratou, com um olhar sensível à situação e aos costumes do povo, seu modo de vida característico.

Ninguém pode entender o Brasil nordestino sem a leitura do “Ciclo da Cana de Açúcar, de José Lins do Rego. Com a possível exceção de Gilberto Freyre, José Lins do Rego fez mais para explicar a cena social do nordeste brasileiro do que qualquer outro escritor. Em *Menino de Engenho*, pode-se ver o feliz encontro entre a crônica social e a literatura. Uma vez mais, nossos agradecimentos vão à editora de Alfred A. Knopf e à tradutora Emmi Baum por disponibilizarem esse clássico da literatura brasileira moderna aos falantes de língua inglesa.

No mesmo importante jornal, num artigo intitulado *Recent Literature in Brazil*, publicado em 20 de agosto de 1933, lemos que seu livro é, na verdade, a vida dos engenhos de cana de açúcar nordestinos contado de forma simples e verdadeira sem qualquer artificialidade literária. Todos os que têm sensibilidade para a doçura, a vida sem preocupações e para o charme dos pequenos incidentes que compõem a vida de um engenho reconhecerá a verdade sem disfarces encontrada no livro de Lins do Rego – uma verdade que confere enorme valor ao seu trabalho no âmbito da literatura brasileira.

Menino de Engenho está repleto de observações psicológicas e é, sem dúvida, uma esplêndida contribuição à compreensão – por vezes tão difícil – da atmosfera do engenho e da formação espiritual e moral daqueles que nasceram e se criaram em sua sombra. Em relação ao estilo, Lins do Rego não é tão cuidadoso nem tão perfeito quanto José Américo, por exemplo. Seu estilo se caracteriza por ter, aparentemente, uma completa falta de estilo. Mas o fato é que Lins do Rego tem uma fantástica familiaridade com a difícil arte de não ter estilo.

1.3 - Sobre José Lins do Rego

Apresento, a seguir, as palavras de Castello (1961) sobre José Lins do Rego.

Filho e neto de senhores de engenho, José Lins do Rego viveu os primeiros anos de sua vida no engenho Corredor, na Paraíba, em companhia do avô materno, o *coronel* José Lins, e de uma tia, a “Tia Maria”, que lhe substituiu a afeição da mãe perdida muito cedo, enquanto o pai passou a viver distante, em outro engenho, raramente em visitas aos parentes da esposa.

É nessas condições que se fixam, durante a fase da infância, os elementos e valores fundamentais que dão origem à sua obra de ficção. Cedendo a impulsos irresistíveis e guiado por uma atitude crítica regionalista, sob a orientação de Gilberto Freyre, ele focaliza nela o esplendor e a decadência do engenho de açúcar, logo substituído pela usina, que vem determinar um processo de revolução de toda a estrutura social e econômica da paisagem açucareira do Nordeste, latifundiária e patriarcalista.

Podemos afirmar, então, em generalização inicial, que a fonte do conteúdo psicológico de sua obra é a experiência acumulada nos seus “tristes verdes anos”, na condição peculiar em que se encontrou junto aos avós e tios maternos, com o regime de vida que lhe foi imposto em virtude da asma, que o atormentava

frequentemente, e com as antecipações sexuais, dolorosas. De tal forma, essa experiência, sob as sugestões já citadas de Gilberto Freyre, não se apresentaria somente regionalista, no sentido ecológico-social: seria também simultaneamente universalista, dado o seu conteúdo humano ou psicológico (CASTELLO, 1961:71).

Seu avô, o velho José Lins, foi recriado na figura de José Paulino, o senhor do feudo de Santa Rosa, através das imagens e impressões do neto menino, bem vivas na memória do romancista. De fato, *Menino de Engenho*, a obra mais espontânea de José Lins do Rego, é a evocação das experiências e impressões acumuladas pela criança no meio do engenho de açúcar, logo mais continuadas em *Doidinho* e *Bangüê*. [...] Se nele (em *Menino de Engenho*) avulta a figura de José Paulino, o ângulo de observação é o do “menino de engenho”, ainda não identificado, mas já individualizado, não obstante aquele desejo expresso pelo próprio romancista de “escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos dos engenhos nordestinos” (CASTELLO, 1961:122-123)

Ainda conforme Castello (1961), há um tom nostálgico na obra. Tudo exprime uma recriação do adulto, quer dizer, do romancista, mas sem a sua intervenção crítica ou julgadora. A evocação é sincera e imparcial, não obstante a carga de nostalgia que encerra, por sua vez legítima expressão do temperamento triste do romancista, muito dentro do mundo que nos comunica – passado da infância e da adolescência de filho ou neto de senhor de engenho.

Talvez o equilíbrio e a espontaneidade do romancista devam muito à naturalidade e à riqueza das narrativas folclóricas do nordeste, ao seu processo expressivo. Há, de fato, em *Menino de Engenho*, um capítulo sem dúvida fundamental para o estudo do processo de expressão do romancista, o capítulo XXI, em que ele fala de Trancoso e de Totonha, contadora de histórias. O tipo desta velha, tão frequente no Nordeste, e a reprodução do seu processo narrativo, sugere o próprio processo narrativo de José Lins do Rego. Isto nos lembra observação que ele mesmo fez, ao falar sobre aspectos da técnica do romance, quando afirmou, conforme já vimos anteriormente, que, ao desejar um modelo, buscava o exemplo nos processos de narrativa oral dos contadores e cantores populares, do folclore nordestino.

A leitura de *Menino de Engenho* dá-nos, assim, a ideia de quem pensa numa situação naturalmente evocada e consegue fixá-la na escrita com a mesma espontaneidade de uma exposição oral, isto é, de sua versão oral, que é quase uma

confidência. Daí, entre outras coisas, a escassez de diálogo, que só é reconhecível no seu processo indireto. É mais um recurso da evocação que parte de dentro do romancista, de seu mundo íntimo, confidente. Daí também outro aspecto já ressaltado, a ausência de argumento centralizador.

1.4 - Saussure: a subjetividade relegada a segundo plano

A Linguística, desde sua criação no início do século XX, por Ferdinand Saussure, deixou de lado considerações pertinentes ao sentido na linguagem. Ao fazer esse recorte epistemológico, tentou-se estudar a língua como sistema, ou seja, como um conjunto de regras a partir das quais se poderia sistematizar e compreender qualquer fenômeno lingüístico que se colocasse ao homem. A subjetividade constitutiva da linguagem foi relegada a segundo plano, assim como seu caráter heterogêneo. Sob uma concepção estruturalista de linguagem, o sujeito poderia comunicar seus pensamentos sem qualquer interferência externa, pois a ele lhe era dada a capacidade de se utilizar dos meios que o sistema lhe conferia. Dito de outra forma, cabia ao sujeito a simples tarefa de utilizar as palavras que o sistema lhe disponibilizava para transmitir seus pensamentos a seus pares.

Para o linguista genebrino, a significação não é, de forma alguma, a relação com objetos fora da língua. Guimarães (2002), falando de Saussure, diz que “o corte saussureano é a “culminância” bem-sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso só interno: a linguagem expressa o pensamento. [...] suprime também qualquer relação da língua com algo que lhe seja exterior. O exterior (o mundo, o sujeito, as relações entre sujeitos) fica como aquilo a que se nega o caráter de objeto da linguística.

Para Saussure a questão do significado é estritamente lingüística e, por considerar o significado nesses termos, ele exclui qualquer coisa que não seja da ordem do sistema. Os elementos excluídos por Saussure (sujeito, história e ideologia) foram aos poucos sendo retomados e estudados por outros estudiosos, tais como Benveniste (1989;1995) e Ducrot (1987). Mas foi na década de 1960, no apogeu do estruturalismo, que estudiosos como Foucault, Derrida, Althusser e Pêcheux deram novos rumos aos estudos sobre a linguagem.

Essa visão redutora da leitura se via também na forma como se entendia o processo tradutório. Bohunovsky (2001) nos diz que a ciência da tradução foi marcada, grosso modo, pela visão de que o processo de tradução seria um mero

transporte de significados que deveria se tornar “objetivo” através de um “método” ou um “tertium comparationis” a ser desenvolvido. E, segundo Rubel e Rosman (2003:5), se pesquisarmos o desenvolvimento da tradução em diferentes períodos históricos, no mundo ocidental, veremos que existiram diversos paradigmas de tradução, cuja diferença residia, basicamente, no maior ou menor grau de importância conferido ora para a língua alvo ora para a língua fonte.

1.5 - A construção e a transformação do significado

Segundo Arrojo (1986:15), o filósofo francês René Descartes e o religioso inglês John Wilkins sonhavam com a possibilidade de uma linguagem universal, que não fosse arbitrária e que, portanto, não dependesse dos caprichos da interpretação; cada palavra teria um significado fixo e único, independentemente de qualquer contexto. Haroche (1992:24), num estudo mais abrangente sobre o assunto, diz-nos que, entre os séculos XIII e XVIII, uma série de acontecimentos ligados ao poder religioso ou jurídico e as polêmicas entre jesuítas e jansenistas tinham todos o mesmo objetivo: afastar aparentemente a ambiguidade. Interessa-nos aqui citar um texto do jesuíta francês Bouhours (1974), pois, nele, fica nítida a visão que esse grupo, especificamente, nutria em relação à língua:

“Eu gostaria que aqueles que escrevem procurassem não somente se fazer entender, mas que o fizessem de forma que não pudéssemos deixar de entendê-los; e que a expressão fosse tão clara, que ela impressionasse o espírito do leitor. [...]. Como não falamos a não ser para nos fazer entender, eu queria que, no discurso, jamais houvesse ambiguidade ou equívoco; que tudo aí fosse claro e fácil, que lendo um livro compreendêssemos de início o que lemos, sem sermos obrigados a ler duas vezes a mesma coisa para compreendê-la; que nada fosse difícil; e que cada palavra de um período fosse tão bem colocada, que não tivéssemos necessidade de intérprete, nem mesmo de reflexão para deslindar o sentido” (apud HAROCHE, 1992:91).

Claro está, portanto, que é antigo o desejo do ser humano em controlar a língua, essa “ferramenta imperfeita”, como diria Paul Henry (1992).

Não há, evidentemente, como negar a importância de pesquisar o significado nos Estudos da Tradução, pois, como bem coloca Fawcett (1997), uma Linguística que ignora o significado não é muito útil para os Estudos de Tradução, área na qual a preocupação com o significado é absolutamente central. Segundo Tymoczko (2007), desde os primeiros escritos sobre tradução e sobre a questão do significado, parece nunca ter havido um consenso sobre o que seja o significado. No Ocidente,

ou seja, no nosso meio de percepção de mundo, o significado semântico é, tradicionalmente, o tipo de significado privilegiado tanto nas teorias filosóficas que tratam sobre o significado quanto nos cursos de formação de tradutores. Forma, gênero, poética (inclusive som, ritmo, rima, duração, tempo e outras convenções literárias) e estilo carregam significados que extrapolam o significado semântico.

A primeira relação que devemos estabelecer, portanto, diz respeito ao tradutor enquanto leitor. Na opinião de Ottoni (1997), [a] leitura [é] um acontecimento que revela a intervenção e a integração do leitor com a língua. A tradução e a leitura são fenômenos complexos de construção e transformação de significados – de sentidos – que ocorrem através da fusão do tradutor ou leitor com o texto.

Em direção oposta àquela defendida por Bouhours, acima, ou seja, do desejo por um texto livre das interferências temporais e geográficas e, acima de tudo, livre de ter seus significados alterados pela interpretação dos leitores, está a visão que vê o leitor como um sujeito que não pode “escapar dos desejos que o constituem e das circunstâncias – seu tempo, sua ideologia, sua formação, sua psicologia – que, literalmente, ‘fazem sua cabeça’” (ARROJO, 1993).

Segundo a autora, “o leitor de um texto não pode proteger os significados originais de um autor porque, a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções e de todas as variáveis que permitiram a produção e a divulgação de seu texto. Da mesma forma, no momento da leitura, o leitor não poderá deixar de lado aquilo que o constitui como sujeito e como leitor – suas circunstâncias, seu momento histórico, sua visão de mundo, seu próprio inconsciente”.

Em outras palavras, o leitor somente poderá estabelecer uma relação com o texto (como todos nós, a todo momento e em todas as nossas relações), que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais “criativo” do que “conservador”, muito mais “produtor” do que “protetor”. Assim, o significado não se encontra para sempre depositado no texto, à espera de que um leitor adequado o decifre de maneira correta (ARROJO, 1993).

O significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural – a “comunidade interpretativa”, no sentido de Stanley Fish (1982) – em que é lido.

O que vemos num texto é exatamente o que nossa “comunidade interpretativa” nos permite ler naquilo que lemos, mesmo que tenhamos como único objetivo o resgate dos seus significados supostamente “originais”, mesmo que tenhamos como único objetivo não nos misturarmos ao que lemos. Do mesmo modo que não podemos deixar de lado o que somos e o que pensamos quando nos relacionamos com o mundo real, também não podemos ler um texto sem que projetemos nessa leitura as circunstâncias e os padrões que nos constituem enquanto leitores e membros de uma determinada comunidade” (ARROJO, 1993:19).

“[Um] texto estrangeiro é o local de muitas possibilidades semânticas cuja fixidez existe apenas provisoriamente em qualquer tradução, e isso está relacionado com diferenças nas escolhas interpretativas e nos pressupostos culturais, que variam em situações sociais específicas e em diferentes períodos históricos. O significado constitui uma relação plural e contingente, e não uma essência unificada e imutável. Portanto, uma tradução não pode ser julgada de acordo com conceitos matemáticos de equivalência ou de correspondência palavra a palavra (VENUTI, 1995:18).

Para Bassnett (2003), a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor.

Essa crença no resgate total de significados também é responsável pelo pouco prestígio creditado aos tradutores. Segundo Arrojo (1992:412), aos tradutores e às traduções tem sido dado um lugar de marginalidade e isso é consequência das concepções de significado, de ‘verdade’ e de realidade que têm embasado grande parte das teorias, das filosofias e das visões de mundo da civilização ocidental desde, pelo menos, Aristóteles e Platão. O que essas concepções têm em comum é a crença na possibilidade de algum nível de conhecimento em estado puro – independente de qualquer perspectiva ou contexto – que se pudesse instalar nas palavras, na fala ou na escrita, e que, por não se fundir às palavras, aos textos nem às suas circunstâncias, pudesse ser deles retirado e adequadamente resgatado.

A mesma autora (1992:417) diz que se levamos às últimas consequências a concepção logocêntrica da tradução como transporte de significados estáveis e determinados de uma língua para outra, de uma cultura para outra e de um tempo e lugar para outros, qualquer tradução deverá ser capaz não apenas de encontrar

significantes em que caibam perfeitamente os significados transportados sem danos e sem perdas mas, sobretudo, deverá ser capaz do milagre de transformar a diferença não simplesmente em semelhança, mas em igualdade, para que esteja acima de qualquer suspeita, de qualquer crítica e de qualquer desgaste.

Tradução sem interpretação, portanto, é algo que não existe. Além disso, nenhum ato de interpretação é definitivo (VENUTI, apud BASSNETT, 2003:14). Nida (1984) observa que

já que não existem duas línguas idênticas, seja no âmbito do significado atribuído aos símbolos correspondentes ou na maneira em que tais símbolos são organizados em frases e orações, é razoável pensar que não possa existir correspondência absoluta entre as línguas [...] nem tradução completamente exata [...]. O impacto alcançado pode estar razoavelmente próximo ao do texto original, mas sem identidade nos detalhes. Portanto, o processo tradutório deve envolver um certo grau de interpretação da parte do tradutor (apud RUBEL; ROSMAN, 2003:8).

Quanto à natureza do significado, Tymoczko (2007) faz uma interessante observação e afirma que

os tradutores teriam enormes benefícios se se empenhassem na tarefa de explorar e refletir sobre a natureza do significado em geral e sobre a natureza e o papel do significado na tradução. Isso traria à sua prática tradutória a liberdade da falsa imposição da preservação do significado. Essa não é uma tarefa simples, pois o significado é visto por muitos estudiosos da tradução e por professores, assim como pelos próprios tradutores, como algo óbvio e direto, um conceito simples e livre de problemas. Tal postura diverge grandemente da visão sobre o significado na Linguística, na Filosofia e nos Estudos Literários, assim como em muitas outras disciplinas acadêmicas nas quais existe uma perplexidade e uma disputa acerca do que seja o significado (Tymoczko, 2007:265).

E onde reside o significado em um texto? Para responder a essa pergunta, recorreremos novamente à Tymoczko. Para ela, o significado de um texto não se encontra todo nele. Muito do significado de um texto e do significado que um tradutor precisa considerar encontra-se fora do texto. Isso inclui o significado que o tradutor traz ao processo da tradução, ou seja, quaisquer significados contextuais, materiais ou funcionais pressupostos (Tymoczko, 2007:283).

1.6 - A hipótese Sapir-Whorf

Com referência às questões que acabamos de ver, há uma tradição linguística, segundo Fowler (1991), que relacionou os estudos sobre cultura,

sociedade e pensamento. Ele se refere às idéias dos linguistas americanos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf e do linguista britânico M.A.K. Halliday, que afirmam existir uma relação causal entre a estrutura semântica e a cognição; que a língua influi no pensamento, no sentido de que sua estrutura canaliza a experiência mental do mundo.

Quanto à questão do significado e da interpretação, a hipótese proposta por Sapir-Whorf afirma que línguas diferentes influenciariam o pensamento de maneiras diferentes. Essa hipótese é chamada de determinismo linguístico (a língua determina o pensamento) e relatividade linguística (o determinismo é relativo à língua em foco), ou hipótese whorfiana, em homenagem a Benjamin Lee Whorf, que devotou grande atenção ao problema (WHORF, 1956). Começamos com uma afirmação sobre o problema feita por Edward Sapir (1980), o grande linguista que foi professor de Whorf.

Os seres humanos não vivem isolados no mundo objetivo, nem no mundo da atividade social como ordinariamente se entende, mas estão muito à mercê da língua que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. É grande ilusão imaginar que alguém se adapta à realidade essencialmente sem o uso da língua, e que esta é apenas um meio incidental de solucionar problemas específicos de comunicação ou de reflexão. O fato é que o "mundo real" é, em larga extensão, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo. [...] Nós vemos e ouvimos e temos outras experiências tão largamente porque os hábitos linguísticos da nossa comunidade nos predis põem a certas escolhas de interpretação (SAPIR, 1980).

Essa afirmação suscita várias questões importantes, segundo Slobin (1980). Sapir assegura que toda experiência é influenciada pela língua que se fala. (Não nos diz que aspectos da língua são importantes.) A força dessa influência é clara: no princípio, ele diz que estamos “à mercê da língua”; mais tarde, simplesmente diz que “os hábitos linguísticos [...] predis põem a certas escolhas de interpretação”. A primeira declaração é conhecida como 'versão forte do determinismo', enquanto a segunda, 'a versão fraca', pode-se ajustar aos fenômenos que, de fato, podem ser evidenciados na língua. Fica também claro que línguas diferentes terão efeitos diferentes no pensamento e na experiência.

Fowler (1991) critica a busca pelos universais linguísticos encetada pela gramática gerativo-transformacional, por exemplo, e se diz preocupado com a relatividade linguística e cultural. Hoje, estende-se a 'hipótese Sapir-Whorf' - de que a linguagem incorpora visões de mundo particulares - a variedades da mesma língua;

os textos particulares incorporam ideologias ou teorias particulares, e o propósito é a interpretação crítica' de textos: "a recuperação dos sentidos sociais expressos no discurso pela análise das estruturas linguísticas à luz dos contextos interacionais e sociais mais amplos" (Fowler et al., 1979: 195-196). Para ele, a linguagem serve para confirmar e consolidar as organizações que a moldam" (Fowler et al., 1979: 190).

Assim, continua Fowler (1991), qualquer coisa que é dita ou escrita sobre o mundo é articulada de uma posição ideologicamente particular: a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação, e, como consequência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial. Para ele, *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica – seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação).

Segundo Slobin (1980), é possível falar-se aqui em determinismo na sua versão mais fraca, que poderia ser denominado de *predisposição*, ou seja, os usuários de uma língua estariam predispostos a categorizar suas experiências de acordo com o mapa mental gravado na estrutura sintático-semântica de seu uso linguístico habitual: a língua ajuda a pessoa a classificar coisas, encoraja-a a pensar o mundo em termos de certas categorias artificiais tacitamente sentidas como sendo 'senso comum'. Ou seja, a língua, numa primeira etapa da filogênese, refletiria os usos e costumes de uma comunidade, mas, numa segunda etapa passaria a influir no pensamento e na maneira de as pessoas enxergarem a 'realidade'.

Slobin (1980) diz que os seres humanos não vivem isolados no mundo objetivo, nem no mundo da atividade social como ordinariamente se entende, mas estão muito à mercê da língua que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. É grande ilusão, diz ele, imaginar que alguém se adapte à realidade sem o uso da língua, e que esta é apenas um meio incidental de solucionar problemas específicos de comunicação ou de reflexão. O fato é que o 'mundo real' é, em larga extensão, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo. Vemos e ouvimos e temos outras experiências tão largamente porque os hábitos linguísticos da nossa comunidade nos dispõem a certas escolhas de interpretação.

Katan (2004) diz que Sapir estava convencido de que a língua poderia apenas ser interpretada dentro de uma cultura e que não há nenhuma língua que seja

suficientemente similar a uma outra tal que representem a mesma realidade. Os mundos em que diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não meramente o mesmo mundo com diferentes rótulos.

É verdade que alguns estudiosos não aceitam a hipótese Sapir-Whorf, e de fato a versão forte da hipótese não se sustenta; porém, há uma tendência geral a se aceitar a proposta na sua vertente fraca, ou seja, de que as línguas predisõem a certas escolhas de interpretação. Fica implicada nessa afirmação que línguas diferentes são consideradas como tendo efeitos diferentes no pensamento e na experiência. O que aqui deve ficar claro é que a língua, numa primeira etapa da filogênese, refletiria os usos e costumes de uma comunidade, mas, numa segunda etapa passaria a influir no pensamento e na maneira de as pessoas enxergarem a 'realidade'.

Trazendo a hipótese para o terreno da tradução, Katan (2004) diz que há três pontos importantes para serem considerados na comunicação intercultural. Primeiro, a escolha lexical de superfície influi no pensamento; segundo, a estrutura superficial não necessariamente espelha a realidade subjacente; terceiro, o que é mais interessante no fenômeno do 'politicamente correto' não é o debate em si, mas o fato de que ele seja tratado de maneira diferente em culturas diferentes.

1.7 - Sobre o Real e o Discurso

De acordo com Foucault (1972, apud MILLS, 2004), o real caracteriza-se como um conjunto de construtos formados pelo discurso e, em consequência disso, a realidade como tal tem sua existência no nível discursivo, ou, nas palavras de Mills (2004), "[...] apenas temos acesso às estruturas discursivas que determinam a nossa percepção do real". Conforme diz a autora, essa visão levou alguns historiadores a sugerirem que, para Foucault, a realidade é inexistente. Mills é categórica ao afirmar que o pensador francês não nega a existência do real nem de eventos históricos. Para tentar esclarecer esse aspecto do pensamento foucaultiano, a referida autora (2004:45,46) busca apoio em Laclau e Mouffe (1985). Para eles, o fato de todo objeto ser constituído como um objeto de discurso não tem nada a ver com a questão da existência de um mundo externo ao pensamento ou com a oposição realismo/idealismo.

Um terremoto ou a queda de um tijolo são eventos que certamente existem, no sentido de que ocorrem aqui e agora, seja qual for a minha vontade. Entretanto,

dependendo da estruturação do campo discursivo, tais fatos serão construídos ou como 'fenômenos naturais' ou como 'expressões da ira divina'. O que se nega não é a existência de tais objetos externamente ao pensamento, e sim a asserção de que eles possam constituir, por si mesmos, objetos fora de qualquer condição discursiva. Portanto, Foucault não nega a existência do real; antes, ele afirma que aquilo que percebemos como significativo e a forma como interpretamos objetos e eventos e os dispomos em sistemas de significado é dependente de estruturas discursivas. Para Foucault, são essas estruturas discursivas que tornam os objetos e os eventos parecerem reais, materiais ou significativos para nós. Mills (2004:46) diz ainda que, embora Foucault sugira que os discursos estruturam o nosso senso da realidade, ele não vê esses sistemas como abstratos ou fechados. Sua preocupação está voltada para a forma como os discursos regulam nossos pensamentos e ações os quais, por sua vez, estão circunscritos a determinados parâmetros e conjuntura histórica. Sendo assim, para o autor, o discurso provoca um estreitamento do nosso campo de visão e isso faz com que um vasto campo de fenômenos não seja considerado como real ou como merecedor de nossa atenção, ou mesmo como existente. Sobre como apreendemos o mundo ao nosso redor, Foucault diz que o mundo não é cúmplice do nosso conhecimento; não existe uma providência pré-discursiva que disponha o mundo a nosso favor. Ou seja, não há uma ordem intrínseca do mundo em si a não ser aquela que nós a ele impomos por meio de nossa descrição linguística.

Isso significa que a única forma de apreendermos o mundo é através do discurso e das estruturas discursivas. Nesse processo de apreensão, categorizamos e interpretamos a experiência e os eventos de acordo com as estruturas que nos estão disponíveis e, no processo de interpretação, emprestamos a essas estruturas uma solidez fora da qual é difícil pensarmos.

Foucault nos mostra também que há, em determinados períodos, uma tendência em estruturar o pensamento acerca de um determinado assunto de um modo particular e de planejar com detalhes alguns procedimentos e comprovações para o pensamento. Assim, por exemplo, no período vitoriano, o pensamento científico caracterizava-se por uma tendência de produzir gráficos detalhados, identificar e sistematizar materiais aparentemente heterogêneos em sistemas de definição muito rígidos.

Vemos, então, que os fatos nunca falam por si. É por intermédio das diversas ideologias que fornecemos interpretações diversas àquilo que os fatos podem

significar. Toda interpretação, cada ideologia, é um exemplo da imposição de um padrão – de determinada forma de estrutura ou de organização – sobre como interpretamos (ou interpretamos errado) um fato político, eventos, acontecimentos, ações, e sobre como enxergamos as imagens ou escutamos vozes (FREEDEN, 2003:3).

De acordo com Leeuwen (2005:94), [...] é possível haver e há, de fato, várias formas diferenciadas de se conhecer – e, conseqüentemente, de se representar – o mesmo ‘objeto’ de conhecimento. A existência desse objeto é real. Guerras existem, de fato, e elas provocam enorme sofrimento. Entretanto, o conhecimento que delas temos é necessariamente construído no e pelo discurso, além de ser socialmente específico. Isso significa também que o mesmo indivíduo pode ter diferentes conhecimentos sobre o mesmo objeto e, dependendo da situação e do seu interesse e objetivos pessoais, pode perfeitamente falar a respeito da mesma guerra de formas bastante variadas.

Para Leeuwen (2005), os discursos são recursos usados para representar e conhecer algum aspecto da realidade os quais podem ser acionados quando algum aspecto da realidade tem de ser representado. Eles não determinam aquilo que podemos dizer sobre um dado aspecto da realidade, contudo, sem eles, não podemos representar nada. Precisamos deles como molduras para que possamos fazer sentido das coisas.

Os discursos são plurais. Pode haver diferentes discursos, diferentes maneiras de fazer sentido do mesmo aspecto da realidade, o que inclui e exclui coisas diferentes e que serve a interesses diferentes.

Leeuwen (2005) diz que é dos textos, daquilo que foi escrito ou dito – e/ou expresso por meio de outros modos semióticos – que vem a evidência da existência de um determinado discurso. Mais especificamente, o discurso surge da semelhança entre as coisas que são ditas e escritas em textos *diferentes* sobre o *mesmo* aspecto da realidade.

Fowler (1996:15-17) também diz algo semelhante ao afirmar que, embora comum, a crença de que o mundo possua uma estrutura natural a partir da qual as línguas extraem os significados passivamente é falaciosa. Poder-se-ia até considerar que o mundo possua um conjunto de características estruturais, um conjunto de ‘coisas separadas’, mas não há como desconsiderar que as línguas fazem um recorte dessas características e que as dispõem em um conjunto diferente. O

importante nessa discussão, segundo o autor, é reconhecer que a linguagem desempenha um papel ativo nesse processo e que ela fornece uma classificação dos fenômenos e de nossa experiência.

Contudo, diz o autor, sem qualquer categorização, somos levados a pensar que o ser humano estaria praticamente impedido de pensar ou de se comunicar – poderíamos estar envolvidos em impressões individuais, inclassificáveis e, portanto, incompreensíveis.

Fowler (1996) conclui dizendo que parece que os seres humanos não lidam de forma direta com o mundo objetivo, mas com ele se relacionam por meio de sistemas de classificação que simplificam os fenômenos objetivos, tornando-os, dessa forma, objetos manejáveis e econômicos para o pensamento e a ação. Como essa classificação parece ser natural, os membros de uma comunidade consideram suas crenças como sendo ‘senso comum’. Seria mais correto, diz o autor, chamar essas atitudes de ‘visão de mundo’ ou ‘teoria’, ‘hipótese’ ou ‘ideologia’.

1.8 - Sobre a ideologia

Conforme Gregolin (1995), a ideologia é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em contato na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.

Santaella (1980) nos diz que “[o]s homens interagem entre si e com o mundo dentro da ideologia. É ela que forma e conforma nossa consciência, atitudes, comportamentos, para amoldar-nos às condições de nossa existência social”. Para Althusser (ALTHUSSER, 1984 apud FREEDEN, 2003:27), os indivíduos inevitavelmente pensam sobre as reais condições de sua existência de uma forma particular: elas produzem um relato imaginário de como elas se relacionam com o mundo real.

Pensar a questão da ideologia do tradutor é importante, pois nos faz compreender por que uma tradução, realizada numa determinada época, evitará – ou não – falar sobre determinados assuntos. Vê-se isso, por exemplo, na tradução de *Macbeth*, de Shakespeare, realizada por Manuel Bandeira, em 1961. Nela, Bandeira traduziu ‘whore’ como ‘rameira de soldado’.

A questão ideológica de que vimos falando acima pode ser vista, por exemplo, na escolha feita por Manuel Bandeira ao traduzir a palavra “whore”, presente numa passagem do “Macbeth”:

(...) And fortune, on his damned quarrel smiling,
Show'd like a rebel's whore.

Sobre tal passagem, Lêdo Ivo (1982:67) comenta que “Manuel Bandeira, em sua tradução do Macbeth, evitou a exatidão da palavra ‘puta’, [...] preferindo estampilhar a shakespeariana maria-batalhão sob a espécie aceitável de uma ‘rameira de soldado’. Tal escolha se deu não porque Bandeira desconhecesse a palavra ‘puta’, mas porque “[...] cada época não propala apenas a sua estética da tradução, mas ainda um sentimento moral, que limpa os textos considerados sujos ou insólitos, e os torna frequentáveis ou mesmo assépticos”. O fato nos remete ao texto de Baker (apud KATAN, 2004:185), segundo o qual um tradutor pode decidir pela omissão ou substituição de trechos inteiros os quais violam as expectativas do leitor no que diz respeito ao modo como um determinado tema tabu deve ser tratado.

De fato, como diz Robinson (ROBINSON [?] apud PÉREZ, 2003), os tradutores sabem lidar com questões relacionadas ao grau de ‘fidelidade’ ao texto fonte e às estratégias necessárias para adequar um texto a diferentes contextos; sabem ainda como funciona o processo de recebimento e de entrega de uma tradução e os valores a serem cobrados por seus serviços. Além disso, esses profissionais sabem como obter ajuda em terminologia. Os tradutores são aqueles profissionais que sabem todas essas coisas e que permitem que seu conhecimento guie o seu comportamento. E esse conhecimento é ideológico, é controlado por normas ideológicas [...]. Assim, os que desejam tornar-se um tradutor, devem submeter-se ao papel submisso do tradutor, submeter-se ao fato de que somos ‘possuídos’ por normas ideológicas que nos informam o olhar.

A ideologia é um dos elementos, além de campo, relações e modo, que constituem o contexto, segundo a LSF. Porém, na Teoria de Gêneros e Registro, Eggins e Martin não elaboraram a questão da ideologia. Quem o faz é Banks (2005), que prova que a ideologia atravessa diretamente o nível do contexto afetando a semântica e estrutura do texto – e que campo, relação e modo não são suficientes para pinçá-la.

Para Banks, no entanto, a ideologia é para ser entendida aqui nos termos da LSF, isto é, o conjunto de princípios, além da camada semântica e semiótica, que, em última análise, determina o uso da língua ('configuração mental' ou 'visão de mundo'). Desse ponto de vista, ela é moralmente neutra e todos os textos dependem de uma ideologia (portanto, não no sentido da análise do discurso crítica, onde é vista como eticamente indesejável (Fairclough, Van Dijk, Fowler e Lemke).

Banks analisa dois textos do fim do séc. XVII: "*Newton's Opticks*", de Newton (em inglês) e o "*Traité de la lumière*", de Huygens (em francês). Apesar de abordarem o mesmo assunto - a teoria das luzes e cores - os autores das obras operam sobre ideologias diferentes: Newton se apoia no paradigma empírico e Huygens é cartesiano. Esse fato tem um efeito na semântica e na léxico-gramática dos dois textos.

Os contextos dos dois textos são virtualmente idênticos, medidos em termos de Campo, Relações e modo. Através do embasamento teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, Banks mostra como as ideologias afetam diferentemente as metafunções semânticas dos textos. A pesquisa focaliza três áreas de escolhas linguísticas, que refletem os diferentes modos pelos quais os escritores constroem o assunto.

1.9 - A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

A opção pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) deve-se ao fato de essa teoria ser capaz de proporcionar aos analistas lentes complementares na interpretação da língua em uso (MARTIN; WHITE, 2005).

Halliday (1970) afirma que examinar a estrutura da língua isoladamente não seria suficiente para explicar sua organização – seria também necessário levar em conta o uso da língua. Os meios para isso, como sugere o autor, é olhar tanto para a função da língua quanto para o sistema da língua. A LSF é, por isso, uma teoria que entende a língua como um sistema semântico e sua organização ligada a funções de uso, isto é, uma relação de realização entre língua e contexto social (MARTIN, 1997). Por sistema semântico, Halliday (1994) quer dizer um sistema semiótico organizado por um gramática, ou um sistema de estrutura que possibilita à língua criar significado e contexto.

Halliday (1985, 1994) e seus colaboradores explicam o modo como os significados são construídos nas interações linguísticas do dia a dia, levando em

conta os contextos cultural e social em que ocorrem a fim de entender a qualidade dos textos. Para o autor, a língua está estruturada para construir três tipos de significados - ou metafunções - simultâneos: ideacional, interpessoal e textual. Essa fusão é possível porque a língua é um *sistema semiótico*, ou seja, um código convencionalizado organizado como um conjunto de escolhas. Quando se faz uma escolha no sistema lingüístico (escolha real), o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas (escolhas potenciais).

Como faz a língua para manipular três tipos de significados simultaneamente? A língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

Alguns fatos mostram que língua e contexto estão interrelacionados: a) somos capazes de deduzir o contexto de um texto (um texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido); b) somos capazes de predizer a língua (estrutura sintática, palavras) através de um contexto; c) sem um contexto não somos capazes, em geral, de dizer que significado está sendo construído.

Portanto, ao fazermos perguntas funcionais, não é suficiente enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto. Mas quais as feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa questão, os systemicistas lançam mão de dois conceitos: registro e gênero. O registro, através das variáveis: **campo, relação e modo**, trata da influência do contexto situacional sobre a língua; o gênero, com seus estágios e finalidades, refere-se à influência da cultura.

A presente pesquisa recorrerá, nas suas análises, à Teoria dos Gêneros e Registros (TGR), proposta pelos systemicistas Eggins e Martin (1997). A TGR é uma teoria da variação funcional: de como os textos são diferentes e das motivações contextuais para essas diferenças. Uma TGR útil é aquela que permite tanto a *predição* textual quanto a *dedução* contextual. Isto é, dada a descrição de um contexto, deverá ser possível predizer os significados que estarão 'em risco' (serão os mais possíveis de acontecer) e os traços linguísticos mais prováveis de serem usados para a sua codificação. Da mesma forma, dado um texto, deverá ser possível deduzir o contexto em que ele foi produzido, já que os traços linguísticos selecionados no texto estarão codificando as dimensões contextuais, tanto no seu

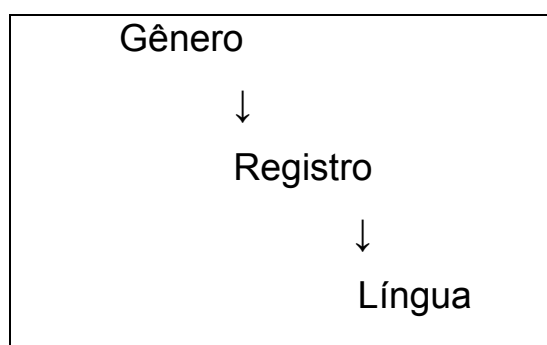
contexto imediato de produção quanto na sua identidade de gênero, ou seja, a tarefa que o texto está cumprindo em determinada cultura.

Para entendermos o lugar que a TGR ocupa na LSF, recorremos a Muntigl (2002), que relaciona os elementos da TGR com as metafunções acima citadas. Diz o autor que, no arcabouço de Martin (1992), gênero, registro e língua são interpretados como sistemas semióticos. Tomados juntos, o gênero e o registro são identificados como o contexto social. O gênero representa os processos sociais em etapas orientados para uma meta de uma dada cultura tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (Martin, 1992).

O registro é organizado pelas três variáveis contextuais, Campo, Relações e Modo. Geralmente, o Campo refere-se ao tipo de atividade social e assunto tratados pelo texto. O Campo pode referir-se a disciplinas como Linguística, Psicologia, Ciência e Educação, emprego e desemprego. As Relações, por outro lado, envolvem as dimensões de status (i.e., igual X desigual), contato (envolvido X distante), e afeto (Martin 1992: 526). Finalmente, o Modo refere-se à organização simbólica de um texto e é, em geral, organizado pelos padrões de informação temática e informação nova. De acordo com Martin (1992: 509), o Modo intermedeia o espaço semiótico entre monólogo e diálogo e ação e reflexão.

As três variáveis contextuais de registro – Campo, Relações e Modo – são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de fazer, sentir (processamento simbólico) ou ser. A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar ou pedir informação ou bens e serviços. Finalmente, a metafunção textual organiza os significados ideacional e interpessoal de uma oração retributando quais os significados que são representados em primeiro ou no final da oração. Cada variável de registro estabelece possibilidades na língua – Martin (1992:125) refere-se a esse conjunto de probabilidades como a 'colocação de significados em risco'. Mais especificamente, o Campo coloca os significados *ideacionais em risco*, as Relações põem os significados *interpessoais* em risco, e o Modo coloca os significados *textuais* em risco.

A relação entre os sistemas semióticos de gênero, registro e a língua é de **realização**. Assim, as escolhas linguísticas (i.e., os significados ideacional, interpessoal e textual) realizam um contexto de situação (i.e., Campo, Relações e Modo). Além disso, um contexto de situação realizado pela língua realiza um gênero. A realização é também entendida como uma operação na direção oposta; isto é, o gênero é realizado pelos padrões das seleções de registro e o registro, por sua vez, realizado por padrões de seleções linguísticas. Os padrões de realização da língua para o gênero são considerados em termos de **potencial**. A seleção de padrões linguísticos feita por um falante ou por um escritor tem o potencial de realizar um número infinito de contextos sociais. O movimento do gênero para a língua, contudo, é considerado em termos de **restrições**. Um gênero restringe os tipos de padrões de registro que podem realizar um gênero e um registro restringe os tipos de padrões linguísticos que podem realizar o registro. Deve-se enfatizar que a realização não constitui uma relação causal. Não é o caso de que um registro causa certos padrões linguísticos ou que as seleções de língua causam um certo registro. Mas a realização se refere a *padrões* de expressão em relação ao conteúdo (e.g., padrões de linguagem em relação ao registro) ou a probabilidade que um certo conteúdo (e.g. registro) será interpretado através de padrões específicos de linguagem. Ela não determina essas **escolhas**. A relação entre os sistemas semióticos de gênero, registro e língua pode ser vista no Quadro 2 Modelo de estratificação de gênero, registro e língua (Martin 1992: 495) (as flechas significam 'realizado por')



Quadro 2 - Relação entre os sistemas semióticos

1.9.1 - A metafunção interpessoal: a avaliação

Há textos, como o gênero Sci-fi (ficção científica), que são intimamente relacionados com as construções ideológicas dominantes. Essa análise tenta relacionar o modo pelo qual a informação foi organizada e desenvolvida na história (daí as escolhas por elementos proeminentes) com algumas questões de ordem avaliativa que o autor possa ter tido. Isso pode indicar perspectivas ideológicas subjacentes à organização do conto. Uma análise semelhante da tradução pode sinalizar como uma perspectiva ideológica diferente poderia ser transmitida pelo autor. Apresentamos, assim, o sistema da Avaliatividade (*Appraisal*), que Martin (2000; 2003) propõe para a análise da avaliação no discurso, que revela tanto o posicionamento do autor em relação à mensagem, quanto em relação aos interlocutores.

Na LSF, segundo Martin (2000), o sistema interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que MOOD e MODALIDADE servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos da função de fala, estrutura de troca, etc. A tradição-baseada-na-gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de informação ou de bens e serviços. Para Halliday, a modalidade abrange modalização (se se refere à informação), quando pode ser de probabilidade ou de frequência; modulação (se se refere a bens e serviços), quando pode ser de obrigação ou de desejabilidade. Veja Quadro 3:

MODALIDADE	Modalização (informação)	probabilidade
		frequência
	Modulação (bens e serviços)	obrigação
		desejabilidade

Quadro 3 - Modalidade na LSF

O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF, segundo Martin, é a semântica da avaliação, isto é, o modo como os interlocutores estão se sentindo; os julgamentos que eles fazem; o valor que eles atribuem a vários fenômenos de sua experiência. Nos exemplos do Quadro 4, diz ele, é evidente que, em diálogos como esses, a interação envolve mais que uma simples troca de bens e serviços ou de informação, mas, também, afeto, julgamento ou apreciação. Assim, juntamente com modelos baseados-na-gramática, precisamos elaborar sistemas lexicalmente-orientados que tratem também desses elementos.

<p>AFETO – emoções</p> <p>RITA Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também? FRANK O quê?</p>
<p>JULGAMENTO – ética (avaliando comportamento)</p> <p>FRANK E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u>. Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u>.</p>
<p>APRECIÇÃO – estética</p> <p>RITA Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i>? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u>.</p>

Quadro 4 - Avaliação (Fonte: Martin, 2000)

Na década de oitenta, linguistas funcionalistas de Sydney começavam a desenvolver um arcabouço para analisar a avaliação no discurso, com base em trabalhos de Labov (LABOV WALESKY 1967; LABOV 1972, 1981, 1984); Rothery & Stenglin (1997, 2000), Coffin (1997), White (1997, 2000), Fuller (1998), Eggins & Slade (1997), e outros, todos citados por Martin (2000).

Nesse contexto, Martin examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do escritor (ou do falante) a respeito do parâmetro bom/mau. O autor está interessado em mostrar que a avaliação é complexa para operar, mas que pode ser reduzida a um pequeno número de conjuntos básicos de opções: o que parece ser, a princípio, um grupo variado intratável de itens lexicais, pode ser sistematizado.

Assim, Martin desenvolveu um sistema reticular de descrições de opções semânticas para avaliar pessoas, coisas e fenômenos. Ele e seus colaboradores estavam interessados com uma série ampla de recursos interpessoais e adotaram o termo *APPRAISAL* (doravante: Avaliatividade) para esse estudo. O grupo, trabalhando dentro do enquadre geral da LSF (HALLIDAY, 1967, 1985, 1994; MARTIN, 1992), estava interessado na função social desses recursos, não simplesmente para expressar sentimentos, mas, em termos de sua habilidade em construir comunidades, para alinhar pessoas na negociação em curso, na vida em comunidade.

O sistema de Avaliatividade é uma abordagem que explora, descreve e explica o modo como a língua é usada para avaliar, adotar posicionamentos, construir personas textuais e administrar posições e relações interpessoais. Assim, ele explora o modo como os falantes e escritores passam julgamento sobre pessoas, seus enunciados e objetos, acontecimentos e estados e assim formam alianças com aqueles que partilham os mesmos pontos de vista, e distanciam-se daqueles que discordam. Ele explora o modo como atitudes, julgamentos e respostas emotivas são apresentados explicitamente nos textos e como eles podem ser implícitos, pressupostos ou hipotetizados. Assim também, ele explora o modo como a expressão dessas atitudes e julgamentos é, em muitos casos, cuidadosamente manipulado para tratar da possibilidade sempre presente de desafio ou contradições daqueles que têm visões diferentes.

A Avaliatividade é constituída por três principais sistemas: (1) ATITUDE, que envolve três sub-sistemas, a saber: *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*; (2) COMPROMISSO, que foi detidamente estudado por White (2003), e que distingue entre enunciados *heteroglóssicos* ou dialógicos (nos quais se sinaliza uma posição que explicitamente mostra diversidade de opiniões, com implicação de conflito e luta entre as vozes;) e enunciados *monoglóssicos* (em que o escritor se posiciona, construindo a audiência como partilhando a mesma visão de mundo); e, finalmente, (3) GRADUAÇÃO, que trata dos recursos para intensificar ou minimizar a força (intensifica [e.g. *completamente devastado*] ou diminui [e.g. *um pouco chateado*] a avaliação) e o foco (aguça [e.g. *um policial de verdade*] ou suaviza [e.g. *cerca de 4 pessoas*] a avaliação. Veja no Quadro 5:

APPRAISAL (Avaliatividade)	ATITUDE	Afeto	
		Julgamento	
		Apreciação	
	COMPROMISSO	Monoglóssico	
		Heteroglóssico	
	GRADUAÇÃO	Força	umenta
			diminui
		Foco	aguça
suaviza			

Quadro 5 - Recursos de APPRAISAL (Fonte: Sarangi & Martin 2003)

Continuando, diz Martin que, quando a avaliação é realizada explicitamente, é fácil analisar uma atitude sobre um evento como positiva ou negativa. Mas, há casos em que a avaliação não é realizada de maneira explícita como em: *Maria confrontou a autoridade*. Diz ele que, em casos como esse, a decisão pela Avaliatividade de Afeto - se positiva, se negativa - depende da posição de leitura.

Este fato levou Martin a postular uma distinção importante entre Avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita). Nesse sentido, o autor propõe a noção de *token* de atitude para denominar o modo pelo qual o significado ideacional pode ser “saturado” em termos avaliativos, ou seja, interpessoais. A propósito, Martin (2003: 173) diz: “o apego a categorias explícitas significa que uma grande quantidade de atitude implícita pelos textos será perdida”.

Os *tokens* de atitude são também sujeitos à influência do contexto, continua o autor, e uma estratégia importante no estabelecimento de posicionamento interpessoal num texto é colocar avaliações inscritas e evocadas de tal modo que o leitor partilha da interpretação do escritor sobre os *tokens* do texto. É assim que, evocado por uma descrição de um *token*, um Julgamento, por exemplo, pode se tornar tão naturalizado numa dada situação cultural que é provável que seja considerado como Julgamento explícito em vez de implícito.

1.9.2 - A LSF e a Tradução

Segundo Figueredo (2006), desde cedo, no desenvolvimento da LSF, Halliday tem mostrado interesse na tradução (HALLIDAY, 1964), e em trabalho de 2001 sugere adotar os parâmetros sistêmico-funcionais para estabelecer equivalências em tradução. Outros linguistas, como Catford (1965) e Matthiessen (2001) usaram a teoria hallidayana como base para tentar esclarecer o fenômeno da tradução. Na área de Estudos de Tradução, vários teóricos utilizaram LSF para suas pesquisas (HOUSE, 1977; HATIM; MASON, 1990; BAKER, 1992; MUNDAY, 2002).

Halliday (1992) diz que

“grammar creates the potential within which we act and enact our cultural being. This potential is at once both enabling and constraining: that is, grammar makes meaning possible and also sets limits on what can be meant” (HALLIDAY, 1992, apud KATAN, 2004:103).

Diante do exposto, fica fácil entender que essa relação entre cultura e língua surge de maneira inevitável na tradução de uma obra literária. Assim, diz Figueiredo (no prelo) que, dentro da disciplina Estudos da Tradução, especialmente com relação às abordagens de bases lingüísticas, tem sido entendido que examinar a tradução estritamente como um fenômeno lingüístico (isto é, analisar e comparar textos com referência à estrutura da língua-fonte e estrutura de língua-alvo) implica manter uma visão estreita do fenômeno da tradução (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005) e, como consequência, uma abordagem de investigação restrita. Um diferente entendimento da tradução – como um fenômeno linguístico, mas também um fenômeno entre contextos sociais e culturas – naturalmente requereria uma teoria lingüística que veja a língua em uso, em contextos sociais e culturais.

O autor investiga um gênero literário, no caso a ficção científica, através da abordagem da LSF, de Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004). Ele cita Cunha (1972) e Sodré (1973), para quem determinada ideologia dominante explica a configuração genérica de qualquer obra literária, e que esta se materializa no texto através de escolhas lingüísticas. Figueiredo responsabiliza a organização textual pelo desenvolvimento da informação – em especial a organização da oração em Tema e Rema – através da qual pode se ver como o autor e o tradutor avaliam dada informação e as representações resultantes.

A análise a partir de uma perspectiva linguística pode trazer a compreensão de como os escritores usam a língua para construir mundos “reais” e “ficcionalis”. Mais importante ainda, ela pode também ajudar a compreender como os originais e as traduções podem criar mundos diferentes.

1.9.3 - A metafunção textual: a organização da mensagem

Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que as línguas possuem modos diferentes para marcar a parte da oração que é proeminente. A língua inglesa, as línguas germânicas e românicas realizam a parte proeminente de uma oração colocando-a na primeira posição. Essa posição é chamada Tema e sua função é ser o ponto-de-partida para a mensagem. Partindo do primeiro elemento da oração, o Tema se estende até o primeiro elemento ideacional. O restante é chamado de Rema. Devido ao fato de o Tema ser sempre o ponto a partir do qual a oração decola, ele também funciona como pano de fundo para a interpretação do Rema.

Para esclarecer a análise comparativa que faremos do romance *Menino de Engenho*, trago a análise que Figueredo (2006) faz do texto de Brian Aldiss' "Supertoys last all summer long". Diz ele que o grupo de Temas realizado em um texto constrói o fluxo da informação.

No trecho seguinte, Aldiss escolheu como Tema (em negrito), a parte proeminente, *seizing the flower*. Isso estabelece a lógica para interpretar a informação que chega, significando que o que David continuou fazendo, quando ele correu pelo gramado e desapareceu por trás do canil, foi segurar a flor que Monica lhe havia mostrado:

Segurando a flor, ele correu com ela pelo gramado e desapareceu por trás do canil onde o cortador de grama se inclinava, pronto para cortar ou varrer ou rolar, assim que o momento ordenasse

Contudo, se a escolha temática fosse diferente, digamos, com David como Tema, então, o ponto inicial da mensagem seria 'ele', e 'segurando a flor' seria apenas uma outra coisa que ele fez numa série, e não ao mesmo tempo em que ele fez as outras coisas, como é possível ver aqui (as palavras na sentença foram alteradas para fazerem sentido):

Ele atravessa o gramado segurando a flor e desaparece por trás do canil onde o cortador de grama se inclinava, pronto para cortar, varrer ou rolar, assim que o momento ordenasse.

Observe que as ações de segurar a flor e desaparecer atrás do canil não têm praticamente qualquer relação. Contudo, se a escolha temática for mudada novamente, deverá ocorrer uma outra interpretação da mensagem. Por exemplo, se o Tema fosse:

Desaparecendo atrás do canil onde o cortador de grama se inclinava, pronto para cortar, limpar ou rolar quando o momento ordenasse, ele atravessou o gramado segurando a flor.

Uma representação diferente seria construída, a saber: 'desaparecendo', neste ultimo exemplo, é o que David estava fazendo quando ele atravessou o gramado e segurou a flor. Como pode ser visto, cada escolha temática tem implicações para o restante da mensagem e irá reverberar por toda a onda de informação no nível do discurso.

Martin e Rose (2003) declaram que a informação é transmitida em ondas de realizações temáticas no nível do discurso. Uma onda é a parte do discurso que tem seu ponto máximo de informação, isto é, sua proeminência, e outra parte menos proeminente. A parte proeminente é o Tema e a menos proeminente é o Novo.

Quando um escritor está produzindo um texto, ele primeiro declara sobre o que será o texto, então apresenta o texto e, finalmente, resume o que foi dito. Portanto, existem três movimentos no fluxo da onda de uma informação. O papel dos Temas nas ondas da informação é parecido com o dos Temas nas orações: estabelecer o pano de fundo para o que virá. Mas Temas em ondas de informação, como os picos altos, também informam os leitores sobre o que vai vir. Em outras palavras, a proeminência das ondas prevê o restante da onda.

Martin e Rose (2003) declaram que a organização do texto segue uma periodicidade que o torna previsível, por isso, inteligível como um texto em vez de um grupo de unidades de informação colocadas juntas.

Se Temas antecipam o que vem no nível do parágrafo, Martin e Rose (2003) sugerem que sejam chamados hipertemas. Eles podem ser chamados macrotemas quando eles preveem uma onda maior. Macrotemas ocorrem em muitos níveis, iniciando no título. A parte menos proeminente da onda que resume o que foi dito, a parte que “destila” a informação, é o Novo.

A disposição dos Temas na oração e em níveis mais altos, isto é, a proeminência de uma mensagem, pode apontar para características genéricas do texto no sentido de que textos pertencentes ao mesmo gênero têm padrões semelhantes de organização da informação.

1.9.4 - O Tema em português

Em seu artigo sobre definição de tema, Gouveia e Barbara (2004) suscitam argumentos que são úteis para línguas como o português, que permite que sentenças como as declarativas e as interrogativas elidam o sujeito e posicionem primeiramente o verbo. Tanto o inglês quanto o português são consideradas línguas de padrão sintático SVO (sujeito, verbo, objeto). No entanto, o português, assim como o espanhol e o italiano, são consideradas línguas *pro-drop*, ou seja, permitem a elisão do sujeito e o posicionamento do Predicador¹ em primeiro lugar na oração.

¹ ‘Predicador’ equivale a verbo principal (Halliday, 1994)

O português, sendo uma língua de padrão sintático SVO, posiciona necessariamente o sujeito como primeiro elemento na oração. No entanto, esse sujeito pode não estar presente explicitamente, situação em que é recuperável pelo co-texto ou por uma elipse de referência (que endoforicamente aponta para o texto prévio ou que vem a seguir) ou através da desinência verbal. Para Matheus et. al (1989), os termos anafóricos podem ser realizados lexicalmente, podendo ser representados por pronomes anafóricos, pessoais ou demonstrativos, ou podem ainda ser categorias sintaticamente vazias.

O fato de uma língua ser *pro-drop*, como, por exemplo, o português, acarreta algumas consequências: 1) não há pronomes expletivos como o inglês (*it*), por exemplo (1); 2) existe a possibilidade de se posicionar o sujeito depois do verbo (2); e 3) aparentemente a característica *pro-drop* parece estar relacionada à rica morfologia verbal, em termos de pessoa e número, o que quer dizer que a ocorrência de sujeitos pronominais, em português, pode ser redundante se se considerar que, no tempo verbal, informações sobre as pessoas envolvidas ou a identidade do participante esteja codificada no Finito²:

(1) Chove.

It is raining.

(2) Apareceu um rato no meu escritório.

[It] Appeared a mouse in my office.

A análise dos dados dos autores mostra que os sujeitos *pro-drop*, em português, tendem a ser utilizados em sentenças contextualizadas ou em textos onde o sujeito já foi mencionado em sentenças anteriores. Além disso, quando não há um sujeito explícito, ele está codificado na morfologia verbal, que carrega consigo as características de pessoa e número do sujeito.

Os autores acreditam que a diferença entre português e inglês deveria estar no estabelecimento de laços coesivos de referência e não entre diferentes formas de marcar o elemento tema. Para os autores, tanto sujeito quanto verbo podem ser instâncias de temas não-marcados em português, o que não quer dizer que a escolha natural, no português, seja o verbo, mas sim o sujeito. Mas, sem dúvida, há

² Finito: sujeito + verbo flexionado

casos cujo primeiro elemento da oração é um verbo, que codifica o sujeito, que já foi previamente expresso ou está óbvio no contexto de situação e, portanto, equivale à escolha do sujeito como tema e não do verbo como tema.

No entanto, nos casos em que o verbo está em posição temática, mas o sujeito está posicionado depois do verbo, o tema será marcado. Outra situação em que o verbo em posição inicial é considerado marcado ocorre nas construções passivas, em que o Ator é omitido ou indeterminado ou ainda nas construções com *se*, cujo verbo aparece na 3ª pessoa, indeterminando o sujeito.

Os autores retomam a definição de Halliday para sujeito psicológico, ancestral ao conceito de tema, e concluem que tema é sobre o que trata a mensagem, é o que o falante/escritor tem em mente no momento da produção da oração, mesmo que esse fato não corresponda a nenhuma realização morfológica.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Neste capítulo, discorreremos sobre a metodologia adotada na análise dos dados deste estudo. Apresentamos a justificativa da escolha da metodologia, descrevemos o universo onde a pesquisa foi realizada e apresentamos os procedimentos metodológicos e analíticos que possibilitam a análise dos dados, permitindo atingir o propósito deste estudo.

2.1 - Dados

Serão comparados trechos do romance *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, publicado pela José Olympio Editora, e sua tradução para o inglês, *Plantation Boy*, realizada por Emmi Baum e publicada pela editora Alfred A. Knopf, em 1966. O texto em português contém 117 páginas, e a tradução, 106 páginas.

2.2 - A escolha da metodologia

As pesquisas em Linguística Aplicada operaram, a princípio, exclusivamente com métodos de pesquisa de natureza positivista, entendendo que a produção do conhecimento nas Ciências Sociais deveria se dar nos moldes das Ciências Naturais, isto é, sob o controle de variáveis específicas que garantiriam a validade interna e externa da investigação de modo a demonstrar relações de causa e efeito por meio da aplicação de testes de significância estatística (MOITA LOPES, 1994). Assim, a investigação centrava-se no produto final do usuário sem considerar o seu papel nesse processo.

Esta pesquisa, no entanto, caracteriza-se como uma análise qualitativa com tratamento interpretativista, procedimento que vem encontrando grande respaldo e preferência por parte dos pesquisadores em Linguística Aplicada, por eles entenderem o modelo como revelador de um conhecimento que não está ao alcance da tradição positivista de pesquisa, por basear-se em princípios diferentes e por refletir perspectivas fenomenológicas, hermenêuticas e interacionistas (Moita Lopes, 2001).

A análise interpretativista preocupa-se com os aspectos processuais do mundo social, ou seja, com o universo dos significados: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (DESLANDES, 1999) que, por meio da linguagem, são

construídos pelo homem, que interpreta e reinterpreta o mundo à sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades, como diz Hughes (1990: 96): “...diferentemente dos fenômenos físicos, os atores sociais atribuem significados a si mesmos, aos outros e aos contextos sociais em que vivem”.

Sendo a linguagem determinante central do fato social e também um modo particular de organizar a experiência humana, ela torna-se o meio apropriado de se ter acesso à sua compreensão através da consideração de várias subjetividades/interpretações, pois “o significado não é resultado da intenção individual, mas de inteligibilidade interindividual” (MOITA LOPES, 1994: 331). A análise interpretativista, portanto, é o procedimento metodológico que vai interpretar os múltiplos significados que constituem as realidades. Assim, a investigação, não só nesta pesquisa, mas também em qualquer outra inserida nas Ciências Sociais, tem de dar conta da pluralidade de vozes dos participantes em ação no mundo social e reconhecer que isso envolve questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade.

Procedimentos

A análise colocará, lado a lado, para facilitar seu acompanhamento, trechos do original, em português, do romance e sua tradução para o inglês. O trecho focalizado será destacado e análise deverá ser feita apenas daquilo que for diferente nas duas línguas. Em nossa análise, serão discutidos elementos como:

- (a) exame do Campo, em que compararemos as escolhas lexicais;
- (b) exame das Relações, através da qual apuraremos a interação escritor/leitor, com foco na avaliação;
- (c) exame do Modo, verificando a ordem das palavras nas orações, com destaque para o sistema de Tema e Rema, que, segundo Figueredo (2006), influi na interpretação ideológica da informação.
- (d) exame do procedimento de tradução (AUBERT, 1998)

Na realidade, como diz Halliday (1994), as metafunções ocorrem simultaneamente no uso da língua. Assim, é importante destacar que alguns

elementos da transitividade também foram levados em consideração e analisados com os Temas, devido ao fato de que realizações temáticas geralmente desempenham um importante papel no sistema de transitividade, em especial os participantes dos Temas Ideacionais. E as escolhas dos processos influenciam as escolhas temáticas, especialmente neste caso em que a retextualização também está sendo examinada.

Inicialmente, analiso a variável de registro – o campo – através do sistema da transitividade, que me fornecerá os *participantes*, o *processo* e as *circunstâncias* do significado experiencial para verificar em quais elementos incidem as adaptações feitas pelo tradutor na passagem do português para o inglês. A seguir, os itens assim selecionados serão examinados à luz da avaliação, quando os significados interpessoais mostrarão numa segunda instância da análise a relação entre tradutor e leitor do romance em foco. Assim será, pois, hoje, a tendência é pela fusão das duas metafunções – experiencial e interpessoal, no que Martin (2000) chama de 'tokens de atitude', na medida em que nenhum discurso é neutro já que sofre o viés do seu autor.

2.3 - O contexto de cultura: um breve resumo da obra

Menino de Engenho pode ser dividido em três partes: a primeira diz respeito à fase em que o personagem central vivia com os pais; a segunda é o momento de transição no qual ele passa a viver no engenho de seu avô; e a última fase marca a ida do menino Ricardo para a escola.

Publicado em 1932, *Menino de Engenho* narra a infância e os primeiros anos da adolescência do menino Ricardo, cuja vida, desde cedo, é marcada pela morte de sua mãe, que foi morta pelo próprio marido. Após o falecimento de sua mãe, Ricardo passa a viver com o avô materno, senhor de engenho em cuja fazenda moram muitos trabalhadores, todos ex-escravos. A vida na fazenda proporcionaria ao jovem Ricardo experiências marcantes, como o contato com a natureza, seus banhos de rio, a amizade com os moleques do engenho, o contato com os ex-escravos que viviam na fazenda, a descoberta da sexualidade e a cheia do rio, cujas águas invadiam várias fazendas da região onde ele agora vivia.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Das diferentes ocorrências de modalidades de tradução nos dez primeiros excertos, destacaremos, neste primeiro excerto, os **acréscimos** e as **omissões** feitos pela tradutora.

Excerto (1)	
Original	Tradução
(1) Eu tinha <u>uns quatro anos</u> no dia em que minha mãe morreu.	(1) I was four years old on the day my mother died.
(2) Dormia no meu quarto, quando pela manhã me acordei com um enorme barulho na casa toda.	(2) <u>Early that morning</u> , I was awakened by what <u>seemed</u> to be an unusual amount of noise in the house.
(3) Eram gritos e gente correndo para todos os cantos.	(3) ----- -----
(4) <u>O quarto de dormir de meu pai</u> estava cheio de pessoas que eu não conhecia. (pág. 33)	(4) <u>When I ran to my father's room</u> , it was full of strangers. (pág. 3)

No nível do significado interpessoal, ou seja, na forma como se processa a troca de informações e no papel discursivo desempenhado pelas pessoas ao interagirem, vemos que o narrador parece não estar certo de sua idade, por isso, utiliza o vocábulo *uns*, em *eu tinha uns quatro anos* (modalização de probabilidade); na tradução, essa incerteza dá lugar a uma declaração monoglóssica: *I was four years old*. Além disso, o período (2) do texto fonte, em português (doravante P), utiliza uma construção ativa, materializada pela escolha do processo comportamental *dormia* – embora tenha sentido passivo –, mas o inglês (doravante I) recorre a uma estrutura passiva, com a escolha de *I was awakened*, o que muda o Tema da oração, já que em I, temos um Tema Topical marcado (Circunstância) “early that morning”, e em P temos um Tema Topical não-marcado (Experienciador) “Eu”. Outra mudança no Tema pode ser vista no período (4). Em (I), a tradutora opta por um Tema circunstancial (*When I ran to my father's room*), ao passo que em (P) há um Tema topical (*O quarto de dormir de meu pai*).

Na sequência da narração, deparamo-nos com a seguinte diferença: ao falar sobre as causas que o fizeram despertar, o narrador fala de um “enorme barulho” provocado por gritos de pessoas que corriam por toda a casa; em (I), a tradução mostra um narrador que não estava certo quanto à informação que ele traz ao leitor: “... *by what seemed to be an unusual amount of noise*”. Temos, assim, uma declaração monoglóssica em (P) e uma modalização de probabilidade (*seemed*) em (I). Vemos, portanto, que o uso do verbo *seem*, que aparece em diversos outros momentos no texto traduzido, é um dos procedimentos utilizados pela tradutora para pôr em xeque aquilo que é mostrado ao leitor do texto original como sendo factual. Outra alteração significativa pode ser vista na mudança da ordem em que os fatos são apresentados pelo narrador. A sequência adotada pela tradutora mostra uma ordem na qual dizer que o quarto estava cheio de pessoas desconhecidas apenas poderia ser feito após o narrador ter chegado ao quarto do pai (*When I ran to my father's room, it was full of strangers*), e não antes disso. Em (P), essa informação não existe. Finalmente, a escolha da palavra *strangers* em vez de *pessoas que eu não conhecia* provoca uma interpretação avaliativa diferente do significado do texto fonte, pois *strangers* é um token de atitude (significado experiencial/ideacional 'saturado' em termos avaliativos, interpessoais).

Vemos, portanto, nesse primeiro excerto, que a tradutora ora relativiza aquilo que é factual no texto fonte, ora mostra como certa determinada informação que no texto original foi relativizada. Nos próximos excertos, destacaremos os **acréscimos** feitos por Emmi Baum.

Nos excertos 2 e 3, temos, respectivamente, a sensação de vazio provocada, primeiro pela morte da mãe do narrador e, segundo, pela partida de sua tia Maria, que se casa e deixa a fazenda onde o narrador morava. Em ambos os excertos, o uso do verbo *seem* na tradução enfraquece a sensação de vazio experimentada pelo narrador e explicita aquilo que cabe ao leitor inferir, ou seja, que, mesmo na presença de outros moradores, a sensação era a de um vazio. É como se a tradutora quisesse alertar o leitor, dizendo: “Olha, preste atenção, esse vazio que toma conta do narrador é fruto de sua imaginação, é apenas aparência, pois a casa não está, de fato, vazia”.

Excerto (2)	
Original	Tradução
Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência de minha mãe. A casa vazia e o quarto dela fechado. (pág. 34)	I did not really miss my mother until it was time to go to bed. Her room was locked and the house <u>seemed</u> empty. (pág. 4)

As mudanças detectadas no excerto (2) ocorrem, de forma mais contundente, nas variáveis de Relação e Modo. Em (P), temos um Tema marcado (Circunstancial) *Na hora de dormir*, em (I), ocorre um Tema Topical não-marcado *I*. Na sequência, o Tema em (P) é *A casa* (Tema Topical não-marcado) e, em (I), *Her room*, também Tema Topical não-marcado. Embora ambos os Temas sejam topicais, cada um deles trata de algo diferente. Na variável de Relação, o texto fonte traz uma declaração monoglóssica *A casa vazia e o quarto dela fechado* e o texto alvo mostra uma modalização de probabilidade *seemed*. Ou seja, mais uma vez a tradutora opta por relativizar uma informação factual do texto fonte. No excerto (3), a declaração monoglóssica *Tudo vazio para mim* é substituída por uma modalização de probabilidade *everything now seemed hollow and empty for me*.

Excerto (3)	
Original	Tradução
No outro dia amanheceu chovendo, e o Santa Rosa a coisa mais triste do mundo. <u>Tudo vazio para mim</u> , tudo oco, sem os cuidados, os beijos e as cavilações da minha tia Maria. (pág. 136)	The next morning brought rain and the Santa Rosa plantation was the saddest place in the whole world. <u>Everything now seemed hollow</u> and empty for me without the care, the kisses, and the tenderness that was Aunt Maria. (pág. 98)

No excerto (4), encontramos o narrador a lembrar-se de como era a relação com o seu pai.

Excerto (4)	
Original	Tradução
Tudo dele era para mim. Eu mexia nos seus livros, sujava as suas roupas, e <u>meu pai não se importava</u> . (pág. 35)	Everything that was his was mine. I got into his books, dirtied his clothes, but he <u>never seemed</u> to be annoyed. (pág. 4)

Mais uma vez, a tradutora opta por acrescentar informações – **acréscimo** – não presentes no texto fonte: 1ª) *never* (modalização de frequência) e 2ª) *seemed* (modalização de probabilidade). Aqui também constata-se, no texto alvo, a incerteza do narrador diante daquilo que ele narra.

Excerto (5)	
Original	Tradução
José Cutia era um comprador de ovos da Paraíba, um pobre homem que <u>não tinha uma gota de sangue na cara</u> . (pág. 76)	José Cotia was an egg seller from Paraíba, a poor man who was so pale that he <u>seemed</u> not to have one drop of blood in his <u>veins</u> . (pág. 41)

Em (5), além do **acréscimo** de *seemed*, verifica-se também a **modulação** (*cara – veins*). A utilização do verbo *seem* para explicitar aquilo que, mesmo não estando explícito no texto em português – que uma pessoa não tem o rosto totalmente desprovido de sangue –, os leitores sabem não ser real. Mais uma vez, temos uma declaração monoglóssica em (P) *um pobre homem que não tinha uma gota de sangue na cara* e uma modalização de probabilidade em (I) *he seemed not to have one drop of blood in his veins*. Além dessa diferença, chama a atenção, também, o fato de a tradutora optar pela palavra *veins* para traduzir *cara*. O uso da palavra *cara*, em vez de *face* ou *rosto*, deprecia a personagem; além disso, dizer que

não tinha sangue na cara mostra de maneira mais direta a cor pálida do rosto do personagem. O uso de *veins*, por sua vez, enfraquece a caracterização do personagem, pois não possui a mesma conotação de *cara* e não foca a atenção do leitor no semblante pálido presente no rosto do personagem.

Excerto (6)	
Original	Tradução
Quando vieram me chamar para o almoço, ainda me encontraram encantado diante da roda preguiçosa, que mal se arrastava, e as duas bolas alvoroçadas, que não queriam parar. (pág. 43)	When they called for lunch, I was still absorbed in watching the lazy movement of the Wheel, and the rollers, which turned so fast they did not <u>seem</u> to want to stop. (pág. 11)

Outro exemplo de **acréscimo** pode ser visto no excerto (6), que foi extraído de um trecho do romance no qual o narrador está diante de um moinho de açúcar pela primeira vez. Aqui também aparecem a declaração monoglóssica (P) e a modalização de probabilidade *seemed* (I). Ao optar pelo uso de *seem*, a tradutora parece querer dizer que rodas não têm vontade própria e que, portanto, dizer que elas não queriam parar só poderia ser fruto da imaginação do narrador. Este, na verdade, imprime sua visão àquilo que está sendo narrado; além disso, ele se mostra tão entusiasmado diante da cena descrita que dá vida e vontade própria às duas bolas alvoroçadas. O uso de *seem* nesse excerto soa como se a tradutora optasse por sempre facilitar a leitura para seu público ou ainda como se tivesse a obrigação de, diante de coisas com as quais não concorda, usar um verbo que deixasse claro que tudo não passava de fruto da imaginação do narrador.

Nos próximos dois exemplos (7) e (8), também marcados pela modalidade de **acréscimo**, o “mar d’água roncando” diz respeito à cena em que o narrador está diante da fúria das águas do rio em época de enchente:

Excerto (7)	
Original	Tradução
Era um mar d’água roncando.	It was <u>as if</u> a roaring ocean of water were

(pág. 56)	washing over us. (pág. 24)
-----------	-------------------------------

Neles, o recurso escolhido pela tradutora para explicitar a informação que estava implícita não é mais o verbo *seem*, mas a conjunção *as if*.

O excerto (8) trata de um episódio no qual um dos personagens, Chico Pereira, é levado ao tronco, acusado injustamente de haver engravidado uma escrava. Após ser duramente castigado, Chico Pereira é libertado, mas sente no corpo as consequências da punição a que fora submetido.

Excerto (8)	
Original	Tradução
– Estou com um formigueiro no corpo todo. Eu não dizia que <u>a negra</u> não prestava? (pág. 74)	“My body feels <u>as if</u> it was covered with ants. Did I not tell you that <u>that woman</u> was not to be believed? (pág. 40)

No excerto 8, chamam nossa atenção também outros dois fatores: (1°) a tradutora opta por traduzir *negra* por *woman*, e assim, retira do texto traduzido a carga depreciativa e o elemento de julgamento presentes na palavra *negra*; (2°) a escolha do verbo *believe* no lugar de *prestar* retira do texto alvo a carga depreciativa presente no texto fonte.

Finalmente, nos excertos 9 e 10, notamos mais uma vez que a tradutora relativiza aquilo que no texto original foi mostrado como algo inquestionável, ou seja, ocorreu aqui o uso do **acréscimo**. Isso, aos poucos, vai criando um efeito de indeterminação, isto é, aquele narrador seguro que dá por certo os fatos que vai narrando, vai, aos poucos, sendo substituído por um narrador de cuja voz ouvem-se fatos sobre os quais ele não domina totalmente. Afinal, as coisas “eram” ou “pareciam ser”?

Excerto (9)	
Original	Tradução
<u>Às três horas da manhã</u> parara de	<u>At about three o'clock in the morning</u> it

encher. (pág. 57)	stopped rising. (pág. 24)
----------------------	------------------------------

Excerto (10)	
Original	Tradução
O carro chegou na casa do velho Amâncio <u>às cinco horas da manhã</u> . (pág. 58)	<u>At around five o'clock in the morning</u> we arrived at old Amâncio's house. (pág. 25)

No excerto 10, destaca-se ainda o fato de que, na variável de Modo existir em (P) um Tema Topical não-marcado [o carro], ao passo que em (I), temos um Tema Topical marcado (circunstância). Quanto à variável de Relação, a declaração monoglóssica *Às cinco horas da manhã* dá lugar à incerta *At around five o'clock*.

Excerto (11)	
Original	Tradução
Vi então que minha mãe estava toda banhada em sangue, e <u>corri para beijá-la</u> , quando me pegaram pelo braço com força. <u>Chorei, fiz o possível para livrar-me</u> . Mas não me deixaram fazer nada. Um homem que chegou com <u>uns soldados</u> mandou então que todos saíssem [...]. (pág. 33)	Then I saw that my mother was completely bathed in blood. <u>I wanted to run to her</u> , but I was stopped by a pair of strong hands on my arm and, <u>no matter how hard I tried</u> , I could not free myself. One of the men who came with the police ordered everyone from the room. (pág. 3)

Outra mudança significativa pode ser vista nos **acréscimos** presentes no excerto 11. No texto alvo, a tradutora mostra um narrador inseguro, tomado pelo medo e, por isso, incapaz de correr até sua mãe, que se encontrava estendida no chão. No texto fonte, o narrador corre para beijá-la, mas é impedido por alguém. Além disso, vê-se um narrador muito abalado pela cena que tem diante de si, ou seja, ele chora e faz o possível para livrar-se das mãos que o impedem de realizar seu desejo. No texto alvo, essa cena é descrita de forma mais impessoal, ou seja, sobre o estado em que o narrador se encontrava diante da terrível cena, fala-se

apenas que ele “quis correr até ela” e que a despeito do quanto lutasse para realizar seu desejo, fortes mãos o prendiam, impedindo-o de fazer aquilo de que sentia vontade.

Se buscarmos compreender como essas diferenças se mostram no nível linguístico, veremos que na variável de Campo, (a) *corri para beijá-la* X (b) *I wanted to run to her* se diferem pelo fato de (a) representar um processo material no qual narrador = ator, e de (b) representar um processo mental no qual narrador = experienciador. Além disso, o texto alvo omite o verbo *chorar*, que representa um processo comportamental. No nível da variável de Registro, ao optar pela estrutura *I could not free myself*, a tradutora cria um efeito de sentido diferente daquele da língua fonte, representado por *não me deixaram fazer nada*, pois neste, atribui-se a terceiros a impossibilidade de agir do narrador, e naquele, é sobre o narrador que recai a incapacidade de agir. Essa diferença é mais facilmente percebida ao olharmos para o Tema dessas duas estruturas. Em (P), o Tema é *eles*, e em (I), o Tema é *I*.

O que se vê nos dez excertos seguintes é uma divergência entre texto fonte e texto alvo no que diz respeito ao status conferido aos escravos. Em todos eles predomina a **modulação**, procedimento tradutório que, segundo Aubert (1998), ocorre sempre que um determinado segmento textual é traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície. Em 12 e 13, por exemplo, na variável de Campo, os participantes que representam os escravos no texto fonte são nomeados da seguinte forma: *criado*, a *gente da cozinha* e *criadas*. No texto alvo, os participantes são *someone*, *maids* e *the others in the kitchen*. É no nível da variável de Relação que as escolhas da tradutora emergem. Ao optar pelo pronome indefinido *someone*, pelo substantivo *maids* e pelo sintagma nominal *the others in the kitchen*, a tradutora evita a avaliação negativa feita pelo narrador ao chamar de *criado* e *gente da cozinha* as pessoas que trabalhavam em sua casa. Vale destacar também que, no excerto (13), a diferença no Tema altera significativamente o efeito de sentido entre os textos fonte e alvo. Em (P), o Tema é *as criadas*, e em (I), o Tema é *I*. Ao utilizar uma oração clivada (S+Ser+V), o autor do texto fonte coloca a ênfase nas criadas; no texto alvo, essa ênfase é perdida.

Excerto (12)	
Original	Tradução
À tarde <u>o criado</u> leu para <u>a gente da cozinha</u> os jornais com os retratos grandes de minha mãe e de meu pai. (pág. 34)	In the afternoon <u>someone</u> read the newspapers to <u>the others in the kitchen</u> . The papers displayed large pictures of my father and mother [...]. (pág. 4)

Excerto (13)	
Original	Tradução
<u>As criadas</u> é que conversavam muito sobre o meu pai e a minha mãe [...]. (pág. 34)	I heard <u>the maids</u> talking about my mother and father [...]. (pág. 4)

Excerto (14)	
Original	Tradução
Na estação estava <u>um pretinho</u> com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco. O meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou, e <u>o pretinho</u> me sacudi para a garupa. (pág. 38)	<u>A young colored boy</u> was waiting with a horse. He wore spurs and carried a whip. He also carried a white blanket, which my uncle placed on the horse. He mounted and <u>the boy</u> lifted me up behind him. (pág. 7)

Assim como nos excertos 12 e 13, os participantes do processo em (14) são tratados de forma diferenciada. Em (P), eles são chamados de *um pretinho* e *o pretinho*; em (I), são descritos como *a young colored boy* e *boy*. Mais uma vez, vemos que em (P) a avaliação é negativa, enquanto que em (I), a tradutora opta novamente por vocábulos que não evocam essa avaliação negativa.

Excerto (15)	
Original	Tradução
A minha mãe sempre me falava do engenho como de um recanto do céu. E <u>uma negra, que ela trouxera para criada</u> , contava tantas histórias de lá [...]. (pág. 38)	My mother had often told me about the plantation and in her stories it sounded like a little piece of heaven. And <u>a colored servant she had brought with her to the city</u> also had told me so many things about the place [...]. (pág.7)

Em 15, 16, 17 e 18, abaixo, repete-se a estratégia da tradutora, que, diferentemente do texto fonte, procura evitar a nomeação baseada na cor, tão frequente em (P).

Excerto (16)	
Original	Tradução
Levaram-me para a cozinha. <u>As negras</u> queriam ver o filho de d. Clarisse. (pág. 39)	Next I was taken to the kitchen, where <u>the servants</u> were waiting to see the son of Dona Clarisse. (pág.8)

Excerto (17)	
Original	Tradução
“Vai mostrar o menino à tia Galdina!” E me conduziram para um quarto na dependência da casa-grande [...]. Lá dentro estava <u>uma negra velha</u> deitada. (pág. 39)	“Take the boy to see Aunt Galdina!” I was led to a room in another wing of the house [...] and there, in the dark, lay <u>a very old colored woman</u> . (pág.8)

Excerto (18)	
Original	Tradução
Ali mandava o purgador, <u>um preto</u> , com as mãos metidas na lama suja que cobria a boca das formas. (pág. 42)	The head strainer was in charge there, <u>a colored man</u> whose hands were buried in the dirty black mud that covered the opening of the molds. (pág.11)

O excerto (19) remete a uma passagem do livro em que se fala de Tia Sinhazinha e dos maus tratos que ela dispensava aos escravos.

Excerto (19)	
Original	Tradução
<p><u>As pobres negras</u> e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre <u>uma negrinha</u>, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus prazeres brutais. Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas <u>nas crias da casa</u>. <u>As negras</u> odiavam-na. (pág. 45)</p>	<p><u>The poor Negro servants</u> and the <i>moleque</i> boys endured hard, cruel servitude under this creature. She always was raising some <u>young Negro girl</u>, whom she had sleep at the foot of her bed; on this girl she would vent her rages and relieve her sadistic impulses. She was continually quarrelsome, always finding imperfections – dust on the furniture, thefts from the cupboard – and all sorts of excuses to slap and punish <u>the servants of the house</u>. They hated her. (pág. 13)</p>

Esse trecho chama nossa atenção pelo fato de ser uma das poucas ocasiões em que se vê, no texto alvo, o uso do vocábulo *negro*. Mas é de se notar também que, se a tradutora usa o vocábulo *negro*, ela traduz *crias da casa* por *servants* e substitui o sintagma nominal *as negras*, presente no final do excerto, pelo pronome *they*. Mais uma vez, ressalta nessas escolhas a preocupação da tradutora em evitar uma avaliação negativa.

No excerto (20), além do uso de *negras X servants* – já discutido acima –, chama a atenção o fato de existir no texto fonte uma oração clivada *Era ela quem tomava conta da casa do meu avô*, cuja ênfase recai sobre a mesquinha Tia Sinhazinha. No texto alvo, essa ênfase é perdida ao optar-se por uma Tema Topical não-marcado *She*. Outra diferença é vista no uso de *that was why*, no texto alvo. Esse *foi por isso que*, elemento coesivo que estabelece uma relação semântica explicativa, não está presente no texto fonte, o qual, neste caso, se diferencia do texto alvo por estabelecer uma relação de contrariedade ao usar a locução adversativa *no entanto*. As implicações dessa escolha estão no fato de a tradutora

impor uma certa interpretação ao leitor, que não está, necessariamente, prevista no texto fonte.

Excerto (20)	
Original	Tradução
Era ela quem tomava conta da casa do meu avô, mas com um despotismo sem entranhas. Com ela estavam as chaves da despensa, e era ela quem mandava <u>as negras</u> no serviço doméstico. [...] Meu avô, que não se casara em segundas núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa. (pág. 44)	She ran my grandfather's house with merciless despotism. The keys to the cupboard were in her care and she gave all the orders to <u>the servants</u> . [...] My grandfather had not remarried, and <u>that was why</u> he had this "stepmother" around to manage things. (pág. 12-13)

Excerto (21)	
Original	Tradução
<u>As negras do meu avô</u> , mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram <u>a rua, como elas chamavam a senzala</u> . E ali foram <u>morrendo de velhas</u> . (pág. 83)	<u>My grandfather former slaves remained on the plantation even after Abolition</u> , and did not leave <u>"the Street"</u> , as they <u>called the road in front of the slave quarters</u> . There they stayed until they <u>grew old</u> . (pág. 49)

Segundo Brians (2008), nos Estados Unidos, vários são os vocábulos existentes para se referir de forma polida às pessoas de origem africana: *colored*, *negro*, *black* e *afro american*. *Colored*, segundo ele, já caiu em desuso, e *black*, que, na década de 1960 era usado de forma assertiva e com conotação positiva por jovens radicais, atualmente é vista por algumas pessoas como um insulto racista.

Se observarmos os excertos 12 a 21, veremos que há uma certa regularidade nas escolhas feitas pela tradutora. Vejamos:

uma negra	a colored servant
criada	(Ø)
criada/as negras	the servants
uma velha negra	a very old colored woman
um preto	a colored man
as pobres negras	the poor Negro servants
uma negrinha	some young Negro girl
crias da casa	the servants of the house
as negras	they
as negras	the servants
as negras do meu avô	my grandfather former slaves

Em português, como já dissemos, prevalece a nomeação pela cor, e em inglês, pela função desempenhada pelos escravos nos engenhos. No excerto 21, vale destacar ainda que ‘as negras do meu avô’ permite uma dupla leitura. A primeira diz respeito à propriedade; a segunda, ao fato de que, naquela época, os senhores de engenho usavam as escravas como se fossem seus objetos sexuais. O uso de *former slaves* de certa forma ameniza o sentido provocado pelas escolhas feitas no texto em português. Aqui a tradutora faz questão de usar o adjetivo *former*, talvez para deixar bem claro que eram agora *ex-escravas*.

O significado ideacional do texto em português foi bastante alterado, já que, entre outras coisas, não se faz menção à morte das escravas. Outra alteração significativa tem a ver com o fato de que, em português, o processo está representado pela perífrase verbal ‘foram morrendo’, cujo verbo “morrer”, em sua forma de gerúndio, possui um aspecto durativo, iterativo, ou seja, faz-nos ver a ação não como algo pontual, como quando dizemos “ele morreu”, mas como algo que se repetia no tempo. Assim, o autor do texto cria uma realidade diferente, dinâmica, e faz bem mais do que simplesmente situar a morte das escravas num tempo passado. Em inglês, esse aspecto iterativo ou durativo está representado pelo uso de *until*, mais do que pelo uso do verbo *to stay*. Por fim, o uso de duas orações para

expressar o que em português necessitou de apenas uma conferiu um ar mais lógico ao texto.

Excerto (22)	
Original	Tradução
Eu não sabia compreender o porquê de toda aquela discussão. Sei que, com um pouco mais, lá estava ele com a minha mãe <u>aos beijos</u> . (pág. 35)	I never could understand what the arguments were about. I do remember that, after a while, I would see my mother and father <u>making up</u> [...]. (pág. 5)

No excerto 22, temos a tradutora modula o sintagma *aos beijos* ao mesmo tempo que omite a informação nele presente. Ou seja, A alteração do tom avaliativo presente no texto fonte não se restringe apenas à forma como a tradutora nomeia os escravos da casa-grande. Nesse excerto, que traz o narrador lembrando-se de como era a relação entre seus pais, deparamo-nos com o *phrasal verb make up* (fazer as pazes), que não recupera a ideia presente em *aos beijos*, do texto fonte. Isso mostra uma das diferenças entre os dois textos, ou seja, em português, temos um narrador despreocupado com a forma pela qual vai narrando os acontecimentos por ele vividos na fazenda do seu avô, ou seja, ele não se censura. Na direção oposta, temos uma tradução na qual, em vários momentos, existe a preocupação em atenuar aquilo que poderia ter parecido vulgar para os leitores norte-americanos do fim dos anos 1960.

Esse mesmo cuidado em atenuar aquilo que poderia ser considerado vulgar ou inadequado é visto no excerto (23). *Solto como um bicho*, do texto fonte, passa por uma modulação e é substituído pelo insosso *like a little animal*.

Excerto (23)	
Original	Tradução
De manhã à noite, de pés no chão, <u>solto como um bicho</u> . (pág. 43)	You run around barefoot from morning till night, <u>like a little animal</u> . (pág. 12)

Excerto (24)	
Original	Tradução
Quando cheguei, com o meu tio Juca, no pátio da casa-grande, o alpendre estava cheio de gente. Desapeamos, e uma moça muito parecida com a minha mãe <u>foi logo me abraçando e me beijando</u> . Sentado em uma cadeira, perto de um banco, estava um velho a quem me levaram para receber a bênção. Era o meu avô. (págs. 38-39)	When my uncle and I rode up to the Big House, the veranda was full of people. We dismounted, and a young woman who looked very much like my mother <u>came to hug and kiss me</u> . I was then taken to an old man seated in a chair near a bench: it was my grandfather. (pág. 8)

A atenuação daquilo que poderia ser considerado inadequado aos leitores de *Menino de Engenho* nos Estados Unidos do fim da década de 1960 se estende, inclusive, ao uso de alguns verbos. No excerto (24), ganha relevo o tom emotivo do texto fonte, que é reforçado pelo uso dos verbos no aspecto imperfectivo, denotando ações que tiveram certa duração no tempo. No texto alvo, esse tom mais efusivo se perde ao optar-se pelo uso de verbos no aspecto perfectivo.

Em outros momentos, é nítida a preocupação da tradutora em explicitar coisas que ela, provavelmente, considerou difíceis de serem recuperadas pelo público alvo sem que o texto sofresse algum tipo de intervenção. Nos dois excertos a seguir (25 e 26), *num primeiro andar* tornou-se *in the city* e *Dois Irmãos* passou a ser *the outskirts of the city*. Além disso, o acréscimo dos elementos coesivos *that is why* e *because of* explicitam uma lógica que, no texto fonte, cabe ao leitor recuperar. Tal estratégia evidencia certa visão de tradução sobre a qual se apoia a tradutora norte-americana, a de que cabe a ela facilitar a leitura para o público ao qual se destina o texto.

Excerto (25)	
Original	Tradução
<p>Eu tinha sido criado <u>num primeiro andar</u>. Todo o meu conhecimento do campo fizera nuns passeios de bonde a <u>Dois Irmãos</u>. E era com olhos de deslumbrado <u>que olhava então aqueles sítios</u>, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali. <u>As divergências de meu pai com meu avô nunca permitiram à minha mãe fazer uma temporada no engenho</u>. (pág. 41)</p>	<p>I had been raised <u>in the city</u>. All I had known of the country came from a few excursions by streetcar to <u>the outskirts of the city</u>. That is <u>why I looked with such avid eyes at the plantation</u>, the mango trees, and the boys playing all around. <u>Because of the many differences between my father and my grandfather</u>, my mother had never visited the plantation [...]. (pág. 10)</p>

No excerto 26, a tradutora retira a ênfase presente no texto fonte. Temos um caso de oração clivada em português, ou seja, uma oração com a seguinte estrutura: ser + que/quem + verbo (*Era ela quem tomava conta da casa do meu avô*). Com esse tipo de oração, o narrador pode dar ênfase a um determinado elemento; no caso do nosso exemplo, o elemento destacado é “ela”. Em inglês, essa ênfase é perdida, já que a tradutora opta por uma oração em ordem direta, cujo Tema, bastante diferente do Tema do texto fonte, é *She*.

Excerto (26)	
Original	Tradução
<p><u>Era ela quem tomava conta da casa do meu avô</u>, mas com um despotismo sem <u>entranhas</u>. Com ela estavam as <u>chaves da despensa</u>, e era ela quem mandava <u>as negras no serviço doméstico</u>. [...] Meu avô, que não se casara em segundas</p>	<p><u>She ran my grandfather's house with merciless despotism</u>. The keys to the <u>cupboard were in her care and she gave all the orders to the servants</u>. [...] My grandfather had not remarried, and <u>that was why he</u> had this “stepmother”</p>

núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa. (pág. 44)	around to manage things. (pág. 12-13)
---	---------------------------------------

Excerto (27)	
Original	Tradução
Um menino nu que estava na porta correu assombrado para dentro de casa. Umhas mulheres apareceram. – São os meninos do engenho. (pág. 51)	A little naked boy who had been standing in the doorway ran into the house, frightened. <u>Then suddenly</u> several women appeared. “The boys from the plantation,” <u>they screamed</u> . (pág.18)

No excerto 27, as mudanças na variável de Campo remetem à diferença existente na forma como os participantes do processo são representados. Em (P), o narrador fala em *um menino nu*, e em (I), temos o acréscimo de **a little** em *a little naked boy*; além disso, em vez de *umas mulheres*, temos *several women*. Notamos também que a tradutora traz à superfície elementos coesivos inexistentes no texto fonte: *then* e *suddenly*. Em relação às escolhas verbais, a tradutora utiliza o verbo *scream*, em *The boys from the plantation, they screamed*, o qual representa um processo comportamental inexistente no texto fonte. Ao optar por tais acréscimos, ela dá a sua versão de como foi a chegada das mulheres à porta da casa e de como elas transmitiram a notícia da chegada dos visitantes.

Excerto (28)	
Original	Tradução
A minha tia Sinhazinha era uma velha de uns setenta anos. Irmã de minha avó, <u>ela morava há longo tempo com o seu cunhado</u> . (pág. 44)	My aunt Sinhazinha was an old woman of about seventy. She was my grandmother’s sister and <u>had lived many years on her brother-in-law’s plantation</u> . (pág. 12)

Na variável de Campo, percebemos que, embora o verbo utilizado em inglês *to live* e em português *morar* tenham significado equivalente, a escolha do tempo verbal foi a responsável pelo erro cometido pela tradutora, que parece ter se

confundido com o tempo verbal. O *pretérito imperfeito* usado em português (morava) cedeu lugar ao *past perfect* (had lived) do inglês. A diferença é grande, pois, ao utilizar o *past perfect*, a tradutora dá como encerrado algo que ainda permanece, ou seja, a tia Sinhazinha ainda mora com o avô do narrador. O pretérito imperfeito do verbo morar possui aspecto inconcluso e revela que a tia Sinhazinha morou e ainda mora na casa do senhor de engenho.

Excerto (29)	
Original	Tradução
Estas histórias <u>chegavam</u> na cozinha, onde ninguém duvidava. (pág. 142)	All these stories <u>began</u> in the kitchen. (pág. 103)

Em 29, o narrador fala das histórias de lobisomens que eram contadas pelos moradores da região. Ao usar o verbo *begin* em vez de *chegar*, a tradutora erra, pois mostra a cozinha como sendo o local de onde surgiam essas histórias.

Excerto (30)	
Original	Tradução
Ensinaram-me remédios que eu tomava em segredo na beira do rio. <u>Dormia no sereno a goma com açúcar para os meus males.</u> (pág. 143)	The <i>moleque</i> boys showed me a remedy that I took secretly down by the river. <u>I had to sleep</u> out in the open with a mixture of starch and sugar on to heal the illness. (pág. 104)

O erro encontrado em 30 diz respeito, provavelmente, à dificuldade encontrada pela tradutora em compreender a inversão sintática da frase no texto fonte. Se a escrevermos na ordem direta, a frase ficará assim: “A goma com açúcar para os meus males dormia no sereno”. Em inglês, em vez de a goma dormir no sereno, era o narrador quem tinha de enfrentar essa situação. Além disso, outras duas coisas devem ser ditas aqui: em português, além de se omitir o sujeito, o verbo usado é “ensinar”; em inglês, os moleques passam a ser os agentes da ação descrita pelo verbo “show”. Esse erro acabou alterando o Tema no texto alvo, que passa a ser *I* (o narrador).

Outro erro de interpretação pode ser visto no exemplo 31. No texto fonte, *fazer filhos*, que traduz um processo material, remete a *procriação*. Em inglês, essa informação é perdida, pois o verbo *sleep*, inexistente no texto fonte, representa um processo comportamental. Em termos da variável de Relação, o verbo *encolher* revela um token de atitude, ou seja, remete às péssimas condições de vida da família, à sua pobreza e ao desconforto de terem que dormir num espaço muito pequeno. Nesse sentido, a escolha do verbo *lay down* não é muito satisfatória, já que não resgata essas ideias e, conseqüentemente, enfraquece o tom de miséria na qual vivia aquela família. Os exemplos nos quais a decisão da tradutora parece não estar muito adequada com nossa leitura do texto fonte serve para nos lembrar que “[s]e toda tradução “falha” ao tentar reproduzir a totalidade de seu “original”, é exatamente porque não existe essa totalidade como uma presença plasmada no texto e imune à leitura e à mudança de contexto, mesmo dentro do que chamamos de uma “única” língua, desestabilizando, assim, a concepção logocêntrica de origem e plenitude e, conseqüentemente, a crença na possibilidade de significados estáveis e independentes do jogo linguístico” (ARROJO, 1993:75).

Excerto (31)	
Original	Tradução
Mas os sacos de farinha-do-reino eram os edredões das suas camas de marmeleiro, <u>onde se encolhiam para sonhar e fazer os filhos</u> . (pág. 138)	Empty flour sacks served as sheets and pillows for their beds of reeds, <u>on which they and their children laid down to sleep and to dream</u> . (pág. 100)

Outro erro pode ser visto no excerto 32. Era o dia do casamento da Tia Maria e, por causa de todo o alvoroço da festa, o narrador não consegue falar com ela. Em inglês, uma informação muito diferente é dada: a Tia Maria é proibida de conversar com seu noivo, informação que não existe no texto fonte. Se atentarmos para os participantes do processo, veremos que em (P) eles são *Tia Maria, [Eu] e ela*; em (I), os participantes são *Aunt Maria e him* (seu noivo). Além disso, na variável de Relação, o uso dos verbos *poder* e *to be allowed* revelam sentidos distintos. Em (I), fica claro que houve uma proibição, alguém não permitiu que Tia Maria falasse com seu noivo; em (P), não fica claro se o verbo *poder* traduz uma modalidade

epistêmica ou deôntica, ou seja, se diz respeito ao grau de verdade ou falsidade de um enunciado (modalidade epistêmica) ou se remete a algum tipo de ordem externa, de uma proibição (modalidade deôntica).

Excerto (32)	
Original	Tradução
Tia Maria, nem pude falar com ela. (pág. 135)	Aunt Maria was not allowed to speak to him. (pág. 96)

Ainda outra mudança entre os textos fonte e alvo pode ser vista no excerto 33. O narrador fala de lágrimas que correm dos olhos do animal que está para ser abatido; em inglês, é o narrador quem está a chorar. Ou seja, ocorre aqui outro erro de interpretação.

Excerto (33)	
Original	Tradução
Calado, com o sangue correndo e os olhos abertos, bem vivos. <u>Duas grandes lágrimas minavam naquele olhar comprido de sofrimento.</u> (pág. 134)	My poor little creature did not utter so much as a sound. He was still and his eyes were wide open as the blood spurted from the wound. <u>Large tears rolled down my cheeks as I watched.</u> (pág. 95)

Há também momentos de grande felicidade da tradutora. No exemplo 34, no qual em português parece existir uma incoerência, já que lembrar-se de dizer algo equivale a, de fato, dizer algo a alguém. Contudo, conforme continuamos a leitura do texto, vemos que essa informação não se sustenta, pois o narrador diz: “Se isto tivesse acontecido...”. Percebendo esse “deslize” do autor, a tradutora opta por “corrigi-lo”, e diz que o primo Silvino havia *pensado* em contar algo ao cangaceiro (“... he had *thought* of telling the bandit chief that...”).

Excerto (34)	
Original	Tradução
<p>No outro dia o meu primo Silvino nos contou que <u>tinha se lembrado de dizer ao cangaceiro que a tia Sinhazinha não gostava dele</u>. É que nos falavam sempre de uma velha que Antônio Silvino fizera dançar nua, dando umbigadas num pé de cardeiro, por motivo semelhante. <u>Se isto tivesse acontecido com a velha Sinhazinha</u>, os moleques, as negras e os meninos do Santa Rita teriam dormido uma noite de grande. (pág. 49)</p>	<p>Next day Cousin Silvino said that <u>he had thought of telling the bandit chief that Aunt Sinhazinha did not like him</u>. We had heard a story about some old woman whom Antônio Silvino had ordered to dance – in the nude, and he had had her go through various erotic contortions – because she had not liked him. <u>If this had happened to old Sinhazinha</u>, it would have been a festive night for the Negro servants, the <i>moleque</i> boys, and all of us at the Santa Rosa plantation. (págs. 17-18)</p>

Em 35, 36 e 37, a tradutora se vê diante de uma dificuldade relativa à escolha de um termo que pudesse ficar no lugar da palavra “moleques”. Em 35, *moleques* é traduzido por *moleque boys* (empréstimo); em 36, a tradução escolhida para *moleques* é *the servant boys* (modulação); em 37, *moleques* é traduzido por *servants* e *meninos* é traduzido por *moleque boys*. Outra palavra que gera dificuldade para a tradutora é *rapariga*, que, em português, segundo o dicionário Houaiss, pode significar *mulher na fase adolescente, jovem, moça, moça virgem, donzela, ou mulher que vive da prostituição*. A tradutora opta por *little girls*. Além disso, *fazer a feira* passa a ser *sell the wares*, o que não recupera a ideia do texto fonte (erro).

Interessante também é o modo pelo qual a tradutora descreve o trecho que fala das mulheres que vinham da feira de São Miguel. Ela opta por mostrar um ritmo no andar das mulheres que inexistia no texto fonte.

Excerto (35)	
Original	Tradução
<p>Hoje vamos ao sítio do seu Lucino – disse-me a tia Maria. E de tarde saímos para esse passeio. Íamos a pé. [...] Pela estrada encontrávamos de quando em vez gente a cavalo que vinha da feira de São Miguel. [...] Também mulheres a pé, <u>de chinelas batendo no calcanhar e flor na cabeça</u>. Os <u>moleques</u> informavam que <u>eram as raparigas do Pilar que iam fazer a feira em São Miguel</u>. (pág. 50)</p>	<p>“Let’s go see Mr. Lucino today,” Aunt Maria said. And that afternoon we set out on foot for our visit. [...] Here and there on the road we met people on horseback coming back from the market in São Miguel. [...] There were also women with flowers in their hair, <u>the beat of their slippers against their bare heels giving a rhythm to their walk</u>. The <i>moleque</i> boys said <u>they were the little girls from Pilar who sold their wares at the market in São Miguel</u>. (pág. 18)</p>

Excerto (36)	
Original	Tradução
<p>A estrada escurecia com as sombras da noite. Ainda restavam pelas folhas das canas os últimos raios de sol do dia. <u>E os moleques</u> começavam a falar em mal-assombrados. (pág. 52)</p>	<p>The road was darkened with the shadows of sunset. But here and there, through the leaves of the sugar canes, we could see the last rays of the sun. <u>The servant boys</u> began to talk of scary things. (pág. 19)</p>

Excerto (37)	
Original	Tradução
<p>Todos correram para a beira do rio – <u>os moleques, os meninos</u>, os trabalhadores do engenho, meu avô. (pág. 55)</p>	<p>Everyone hurried to the riverbank – <u>the servants and the moleque boys</u>, the mill hands and my grandfather. (pág. 22)</p>

No capítulo 13, representado no excerto 38 abaixo, temos um caso de explicitação. A tradutora desfaz a ambiguidade presente em *Como evitar a invasão dos tanques?*. A forma por ela escolhida foi *How could the tanks be kept from being flooded over?* Esse cuidado para tornar o texto mais claro para seus leitores, ora usando recursos coesivos não presentes em português ora desfazendo ambiguidades que, no texto original, podem ser desfeitas com a ajuda do contexto.

Excerto (38)	
Original	Tradução
O perigo estava na casa de purgar, pois a safra de açúcar do ano encontrava-se nos grandes caixões de madeira e nos tanques cheios de mel-de-furo. Não havia jeito a dar. <u>Como evitar a invasão dos tanques?</u> (pág. 57)	The danger point was the refinery. The sugar harvest for the year was stored there in large wooden crates, and the tanks were full of syrup. What was to be done? <u>How could the tanks be kept from being flooded over?</u> (pág. 24)

Semelhante caso de explicitação e de atenuação é encontrado no excerto 39. Aqui, em vez de usar os termos mais diretos e, de certa forma, mais chulos do texto fonte, a tradutora opta por atenuá-los. Assim, *conversa de ditos e de sem-vergonhices* fica *long conversations full of ambiguous phrases as well as openly shameless words*; a frase bastante idiomática *Olha o menino, Zé Guedes*, é traduzida por *Be careful, the boy will hear you, Zé Guedes*.

Excerto (39)	
Original	Tradução
Às vezes parava na porta, e era uma conversa comprida, <u>cheia de ditos e de sem-vergonhices</u> . – <u>Olha o menino, Zé Guedes!</u> Ô homem desbocado! (pág. 63-64)	Sometimes we would stop at the door and they would have long conversations <u>full of ambiguous phrases as well as openly shameless words</u> . “ <u>Be careful, the boy will hear you, Zé Guedes</u> . You are a foul-mouthed character,” she would say. (pág. 30)

No capítulo 22, página 50 (excerto 40), há uma nítida avaliação feita pela tradutora ao acrescentar o advérbio *strangely*. De acordo com Hyland (2005), os recursos usados para expressar a objetividade ou a subjetividade nos textos são chamados de *hedging*. Segundo esse mesmo autor, a abordagem mais sistemática para se estudar a dimensão interpessoal da escrita/fala talvez seja a teoria da avaliatividade, que oferece uma tipologia de recursos avaliativos. A avaliatividade se interessa pelas posições atitudinais do falante, distinguindo três subcategorias: afeto, julgamento e apreciação, que dizem respeito à construção de emoção, à avaliação moral e aos valores estéticos, respectivamente, e os modos como eles são graduados para indicar intensidade. Ao usar *strangely* para se referir ao fato de as escravas não saberem quem era o pai de seus filhos, a tradutora lança mão de um vocábulo avaliativo em forma de julgamento. No caso de dizer que as mulheres *viviam de barriga enorme*, soa um tanto pejorativo; isso foi amenizado pela tradutora, que preferiu dizer que as mulheres *lived in constant pregnancy*, frase que, embora contenha o vocábulo *constant*, é menos contundente do que a frase em português.

Excerto (40)	
Original	Tradução
Não conheci marido de nenhuma, e no entanto <u>viviam de barriga enorme</u> , perpetuando a espécie sem providência e sem medo. (pág. 84)	<u>Strangely</u> , not one of those Negro women had a husband that I knew of, but they lived <u>in constant pregnancy</u> nevertheless, perpetuating their species without care or fear. (pág. 50)

No exemplo destacado no excerto 41, vemos um trecho em que o texto fonte provoca certa ambiguidade, afinal, ao lermos que *o moleque continuava nas suas lições, falando de mulheres e de doenças-do-mundo*, tem-se a impressão de que ele mesmo falava de mulheres e de doenças-do-mundo e dava lições ao seu tio, que o acompanhava. O texto alvo desfaz essa ambiguidade ao acrescentar o pronome “he” para referir-se ao tio.

Excerto (41)	
Original	Tradução
Pelo caminho <u>o moleque continuava nas suas lições, falando de mulheres e de doenças-do-mundo.</u> [...] Aquela ali já foi passada. Quem manda nela é o doutor Juca. (pág. 64)	<u>Once we were on the road again, he would continue my lessons, telling me about women and about the many ugly sicknesses in the world.</u> [...] That one there is no innocent little girl anymore. She's been had by Doctor Juca. (pág. 30)

Os exemplos 42, 43 e 44 a seguir trazem algo muito interessante. Neles, a tradutora provoca uma enorme mudança no significado ao pôr em dúvida algo que é mostrado como real no texto fonte. Assim, em 42, o aparecimento do lobisomem é posto em dúvida pelo uso de “to be supposed to”, e o fato de ele beber sangue de gente é relativizado pelo uso de “might” (acréscimo). No excerto 43, o crescimento das unhas do lobisomem também é mostrado no texto alvo como algo que se supunha ter sido visto, e não como algo real. No exemplo 44, a tradutora erra ao atribuir o adjetivo “velho” às negras, e não aos baús, como seria o correto. Mais marcante, é o fato de, mais uma vez, a tradução pôr em dúvida o fato de que os bentos das negras eram, mesmo, milagrosos; em inglês, o uso de “to be supposed to”, mais uma vez, relativiza aquilo que pr dado como factual no texto-fonte. Finalmente, o que em português é mostrado com o uso de palavras de conotação pejorativa – *fazer o coito e parir* –, em inglês tem-se – *to be conceived e to be born*.

Excerto (42)	
Original	Tradução
<u>Na mata do Rolo estava aparecendo lobisomem.</u> Na cozinha era no que se falava, num vulto daninho que <u>pegava gente para beber sangue.</u> (pág. 75)	<u>A werewolf was supposed to have been seen in the Forest.</u> In the kitchen the only topic of conversation was the ghostly, horrifying creature that grabbed people so <u>that it might drink their blood.</u> (pág. 41)

Excerto (43)	
Original	Tradução
E havia gente que até vira José Cotia por debaixo das ingazeiras virando bicho. <u>As unhas cresciam como lâminas enormes</u> , os pés ficavam como os de cabra, e os cabelos eram crinas de cavalo. (pág. 76)	And there were people who swore that they had actually seen José Cotia turn into a beast under some trees. <u>His fingernails were supposed to have grown</u> to enormous lengths like knives, his feet to have turned into a goat's hoofs, and his hair to have changed to resemble the mane of a horse. (pág. 42)

Excerto (44)	
Original	Tradução
Nós mexíamos pela senzala, <u>nos baús velhos das negras</u> , nas locas que elas faziam pelas paredes de taipa, para os seus cofres, e onde elas guardavam os seus rosários, os seus ouros falsificados, os seus <u>bentos milagrosos</u> . Nas paredes de barro havia sempre santos dependurados, e num canto a cama de tábuas duras, onde há mais de um século <u>faziam o seu coito e pariam os seus filhos</u> . (pág. 84)	The slave quarters were our playground, and we explored all the <u>secrets of the old Negroes</u> ; the holes in the clay walls where they had hidden the little boxes containing their rosaries, their fake jewelry, and <u>their blessed amulets which were supposed to work miracles</u> . The walls were covered with pictures of saints, and one corner was occupied by a bed with wooden boards on which for hundreds of years generations of <u>slave children had been conceived and born</u> . (pág. 50)

Nosso último exemplo (excerto 45) mostra um caso de nominalização: “alegria da escravidão”. Sardinha (2007) nos diz que “quando uma ação é metaforizada em uma coisa, essa metaforização tem consequências diretas no sistema linguístico, pois passam a ser necessários outros recursos para exprimir o sentido”. No caso da nominalização, suas características incluem: converter processos em nomes e,

assim, pôr o processo em segundo plano, não indicar o tempo e a modalidade, além de usualmente não especificar os participantes, de forma que agente e paciente são deixados implícitos. É justamente por deixar implícitas essas informações que as nominalizações concorrem para a abertura da interpretação. Conforme nos ensina Halliday (2002), “nominal constructions fail to make explicit many of the semantic relations that are made explicit in clause structure. Written discourse conceals many local ambiguities of this kind, which are revealed when one attempts a more “spoken” paraphrase”.

Quererá “alegria da escravidão” significar que a escravidão era alegre? Seja como for, essa abertura interpretativa existe e é ela que torna a leitura do texto literário bem mais interessante do que a de um texto que se pretenda objetivo e fechado, por exemplo.

Se em português temos a nominalização de um processo, em inglês a autora opta por mostrar o processo: “And they worked for nothing with the same lightheartedness as when they had been slaves”. Ao escolher uma oração adverbial temporal, a autora, mais uma vez, explicita relações que estavam implícitas em português, além de tornar o texto mais objetivo, mais jornalístico.

Em termos do efeito que o uso de uma nominalização ou o de um processo exerce sobre o leitor, Halliday (2002) dá os seguintes exemplos: “[...] If I say technology has improved, this is presented as a message; it is part of what I am telling you. If I say improvements in technology, I present it as something I expect you to take for granted”.

Excerto (45)	
Original	Tradução
O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. <u>E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão.</u> (págs. 83-84)	My grandfather continued to provide food and clothes for them, <u>and they worked for nothing with the same lightheartedness as when they had been slaves.</u> (pág. 49)

A partir dos comentários tecidos acima, podemos dizer que, de um modo geral, se levarmos em conta que uma tradução é, como diz Paes (1988), uma aproximação com o texto original, um caminho até ele, a tradução de Emmi Baum satisfaz muito bem seu objetivo. Os sentidos que suas escolhas provocam –

consciente ou inconscientemente – são um reflexo daquilo que vários estudiosos de tradução dizem a respeito do trabalho do tradutor. Para Travaglia (2003), por exemplo, à semelhança do compositor do original, o tradutor fará o trabalho de compor um texto e assim terá que recortar e ordenar os elementos do conteúdo e realizar operações que certamente vão imprimir sua marca no novo texto. Nesta nova re-apresentação da realidade, o tradutor coloca sua concepção, sua imagem da própria realidade e também a imagem que faz do seu leitor, através das escolhas que faz, dos caminhos por que opta. Estas opções são feitas em todas as etapas da composição do texto e, no caso da tradução, a partir da própria seleção do texto a traduzir. Então, por mais que o tradutor se disponha a imitar, copiar a realidade do original tal como está, por mais que se esforce para fazer de sua tradução um decalque do original, suas marcas não vão aparecer na tradução. Isto acontece pelo fato de o texto não ser aquele produto bem delimitado discursivamente, onde um emissor expressa, expõe de forma transparente e sem equívoco, suas ideias, sua visão do real para um receptor que capta diretamente e sem nenhuma interferência e entende sem nenhuma dúvida e com toda exatidão o sentido do que foi emitido. Além disso, o tradutor não é um leitor vazio. Toda sua experiência (pessoal, ambiental, cultural) vai influenciar na sua leitura e depois na abordagem que dará aos temas. Além disso, diz ela, o processo ou trabalho de escolha não acontece de maneira aleatória, por acaso. Ao preferir um termo a outro, uma construção a outra, o produtor tem um motivo que o norteia: o desejo de significar algo. Assim as suas escolhas visam sempre produzir um certo efeito, significar algo de uma certa maneira. Para poder fazer suas opções o produtor do texto tem que acreditar em algo, ter posições e intenções definidas ou que se definam à medida que compõe o seu texto, dialogar com o leitor e antecipar suas posições.

Sobre esse diálogo com o leitor e a antecipação de suas posições, podemos dizer que Emmi Baum opta por uma tradução que, como pudemos constatar em vários trechos extraídos do livro, acima, desfaz ambiguidades, que preza pela clareza – algo que ela consegue com um uso maior de recursos coesivos –, além disso, a tradutora também altera o status de alguns personagens e ameniza sua fala ao optar por palavras e explicações que conferem um tom mais leve ao texto de José Lins do Rego. Outra característica interessante é a forma como a tradutora relativiza coisas que no texto-fonte são dadas como factuais. Essa forma de traduzir deve ser um reflexo daquilo que Wierzbicka (2006) diz a respeito dos scripts

culturais da cultura norte-americana. Para a autora, os escritos de Locke exerceram forte influência sobre a cultura inglesa, uma cultura que prestigia a ciência e cultura o conhecimento – principalmente o conhecimento empírico – promovido pelo Iluminismo e pela revolução científica. Na cultura norte-americana, diz a autora, há um enorme respeito por fatos. Em seu modo de pensar, a emoção é incapaz de processar a informação de modo racional e, portanto, abala as possibilidades de uma ação sensata e inteligente. Diz ela ainda que, nessa concepção, o pensamento racional só é atingível na ausência da emoção e que evidências linguísticas sugerem que é ainda amplamente aceito que se algo é um “fato”, ele necessariamente merece e precisa ser “universalmente aceito” e também que a desconsideração dos fatos é sempre motivo de repreensão.

Outra autora que contribui para que possamos ter uma compreensão mais clara sobre os motivos que levam Emmi Baum a optar por uma tradução na qual a explicitação e a desambiguação são características recorrentes em seu texto é Vanderauwera (VANDERAUWERA, 1985 apud LAVIOSA-BRAITHWAITE, 2001). A autora aponta diferentes técnicas de explicitação usadas por tradutores. Entre as principais estão o uso de interjeições para expressar com maior clareza a progressão dos pensamentos das personagens ou para dar relevo a uma interpretação específica, a expansão de trechos condensados, a adição de modificadores, qualificadores e conjunções cujo fim é transmitir maior transparência; para garantir maior clareza, a adição de informação extra, a inserção de explicações e a repetição de detalhes já mencionados no texto também são técnicas utilizadas. Além dos já mencionados, a autora afirma que a tradução precisa de dados vagos ou implícitos, descrições mais acuradas, nomeação explícita de regiões geográficas e a desambiguação de pronomes através do uso de formas precisas de identificação. Laviosa (2001:289), citando Baker, diz que esta contribui com vários exemplos nos quais o tradutor insere no texto alvo informação adicional para suprir lacunas culturais. E os “ajustes” feitos pelos tradutores não param por aí. Frases deixadas inacabadas no texto fonte são completadas no texto alvo, e estruturas idiossincráticas ou incomuns são reescritas com sintaxe mais simples. Verbos no presente e no presente histórico são substituídos por verbos no pretérito, mais frequentes em narrativas escritas no inglês. Frases, parágrafos, sequências narrativas e capítulos são ordenados de forma mais lógica. A representação da língua oral do texto-fonte é ajustada para os padrões da prosa escrita. De acordo

com Vanderauwera (VANDERAUWERA, 1985 apud LAVIOSA-BRAITHWAITE, 2001), o efeito provocado por todas essas manipulações é o de criar um texto mais legível, mais idiomático, familiar e mais coerentemente organizado do que o texto original.

Finalmente, Berber Sardinha (2002) nos diz que, para Baker existem universais de tradução que constituem características linguísticas que ocorrem tipicamente nos textos traduzidos e que não dependem dos pares de língua envolvidos no processo. Para ela, esses universais de tradução seriam:

1. Explicitação

Uma tendência geral em esclarecer as coisas em vez de deixá-las implícitas. Trata-se de uma estratégia utilizada para detalhar pontos de interesse entre as duas línguas, com exemplos e ilustrações feitos pelo tradutor, e que podem explicar a existência de textos em LA (língua alvo) maiores do que os da LF (língua fonte). Nessa categoria estão enquadradas as expansões lexicais e gramaticais típicas que se aplicam à LA, como as explicações, que surgem quando falta um termo equivalente em LA, e as reformulações, que normalmente são evidenciadas pelos marcadores isto é, quero dizer, ou seja, entre outros.

2. Simplificação

É o fenômeno marcado pela redução vocabular do texto, que pode incluir a fragmentação de sentenças longas, a omissão de informações redundantes, a diminuição de estruturas complexas, entre outros. A simplificação não implica uma tradução pobre, com perda ou prejuízo do sentido, mas apenas a diminuição na quantidade de palavras.

3. Normalização ou conservadorismo

É a tendência de o tradutor se adequar aos padrões e às práticas que são típicos da LA, ao ponto de cometer exageros. Berber Sardinha (2002:26) comenta que “um exame das escolhas lexicais em textos originais e em suas respectivas traduções pode revelar a normalização se indicar, por exemplo, que as escolhas mais ‘marcadas’ (ou criativas) dos originais tiverem sido traduzidas por outras menos ‘marcadas’.

4. Estabilização (*levelling out*)

Reflete a hipótese de que a linguagem apresenta menos variação nas características textuais em um corpus de traduções do que em um corpus de não-traduções, ou seja, que os textos em um corpus de traduções são mais homogêneos em termos de características textuais do que qualquer corpus equivalente de textos não traduzidos.

Como o nosso propósito na análise dos textos não é avaliar sua 'verdade', mas verificar sob qual ângulo foram ditas determinadas coisas, passamos agora a comentar alguns dos trechos destacados acima a partir do significado interpessoal.

Segundo Halliday (1994:69), a metafunção interpessoal se realiza gramaticalmente por dois sistemas: o de modo e o de modalidade. O primeiro representa a estrutura gramatical usada pelo falante/escritor para estabelecer as relações dos papéis e as funções da fala com seu ouvinte/leitor. O segundo, o sistema de modalidade, permite perceber as intenções e avaliações dos participantes da interação. Para Eggins (1994:179), trata-se de uma área cuja preocupação é a de estudar os diferentes modos pelos quais o usuário da língua pode se colocar em sua mensagem para expressar várias atitudes e avaliações a respeito do que está dizendo.

Usaremos o termo avaliatividade para nos referir às atitudes e avaliações presentes nos textos analisados neste trabalho. Segundo Hunston e Thompson (2000:2), diferentes autores usam termos diferentes para aludir àquilo que chamamos avaliatividade. Martin, por exemplo, fala em *appraisal*, Conrad e Biber falam em *stance*, e Thompson e Hunston em *evaluation* e *stance*.

Para Hunston e Thompson (2000:6), as três funções desempenhadas pela avaliatividade são também os motivos que tornam importante o seu estudo:

(1) expressar a opinião do falante/escritor e, dessa forma, refletir sobre os sistemas de valor dessa pessoa e de sua comunidade;

(2) construir e manter relações entre o falante/escritor e o ouvinte/leitor;

(3) organizar o discurso.

A função mais óbvia da avaliatividade é contar ao leitor aquilo que o escritor pensa ou sente em relação a algo. Segundo os referidos autores, identificar 'aquilo que o autor pensa' nos revela mais do que suas ideias. Todo ato de avaliação expressa um sistema de valor comum, e todo ato de avaliação vai em direção da criação desse sistema de valores. E esse sistema de valores, por sua vez, é um componente da ideologia presente em todos os textos. Sendo assim, identificar aquilo que o autor pensa revela a ideologia da sociedade que produziu o texto. Ideologias não existem no silêncio e, em geral, não são expressas de modo aberto. Elas são construídas e transmitidas através dos textos e é nos textos que sua natureza é revelada. E como as ideologias são, em essência, um conjunto de valores – o bem e o mal, o verdadeiro e o falso e as coisas que devem ou não acontecer – a avaliatividade é, então, um conceito linguístico central para o seu estudo.

Segundo Hunston e Thompson (2000), a segunda função, construir e manter relações entre escritor e leitor, tem sido estudada em relação a três áreas principais: manipulação, *hedging* e polidez. Em cada uma dessas áreas, é possível ver o escritor explorando os recursos da avaliatividade para construir um tipo específico de relacionamento com o leitor.

Sobre a terceira função, organizar o discurso, os referidos autores dizem que a relação escritor/leitor não existe apenas em termos da informação no texto, mas em termos do texto em si. Ou seja, o escritor não apenas diz ao leitor 'isto aconteceu e esta é a minha opinião sobre isso'; ele também diz ao leitor 'este é o início do nosso texto, é dessa forma que os argumentos estão amarrados e aqui termina a nossa interação'.

Biber and Finegan (apud HUNSTON; THOMPSON, 2000:19) propõem uma lista com 12 'stance markers', definidos como 'expressões lexicais e gramaticais de atitude, julgamento ou comprometimento em relação ao conteúdo proposicional da mensagem'. Esses marcadores incluem itens lexicais retirados de classes de palavras específicas, assim como outras categorias. São eles:

- (1) advérbios indicadores de afeto, certeza e dúvida;
- (2) adjetivos indicadores de afeto, certeza e dúvida;
- (3) verbos indicadores de afeto, certeza e dúvida;

- (4) hedges (linguagem vaga, por ex.: aproximadamente, cerca de, meio);
- (5) intensificadores (por ex.: com certeza, de fato);
- (6) modais indicadores de possibilidade, necessidade e previsão.

É importante destacar que a avaliação tende a ser encontrada ao longo de todo o texto e não apenas em uma parte específica dele. Além disso, na opinião de Cortazzi e Jin (2000:103), a avaliação é o elemento chave de uma narrativa, pois, através dela, as pessoas mostram como elas desejam que sua narrativa seja entendida e qual o foco dela.

No caso específico de *Menino de Engenho*, é possível ver que a tradutora apresentou um texto aos leitores norte-americanos que, em muitos momentos, expressava uma atitude diferente daquela presente na obra original.

3.1 - Discussão dos resultados

A análise dos excertos acima comprova o que vimos falando ao longo desta dissertação: o significado ideacional sofre relativa alteração devido à leitura feita pela tradutora. Por ser fruto de sua ideologia, essa interpretação nem sempre encontra respaldo no texto de partida. Esse desejo por uma tradução que seja ao mesmo tempo bela e que restitua os significados de uma determinada obra não é algo recente. Berman (2004:296) afirma que a tradução no Ocidente, desde os seus primórdios, tem por objetivo resgatar os significados sem deixar de ser bela. Isso remonta à separação platônica entre espírito e letra, sentido e palavra, conteúdo e forma, o sensível e o não sensível. Atualmente, ao se afirmar que a tradução (inclusive a de textos não literários) deve produzir um texto “claro” e “elegante” (mesmo que o original não possua tais qualidades), a afirmação assume a figura platônica da tradução, mesmo que seja de forma inconsciente. De todas as análises realizadas, Berman percebeu que o resultado era o mesmo: a produção de um texto que é mais claro, mais elegante, mais fluente e mais puro do que o original. Para o autor, eles são a destruição da letra em favor do significado. Não parece que a tradutora de *Menino de Engenho* tenha tido o propósito de embelezar o texto. Antes, o que salta aos olhos com a análise dos trechos destacados acima é a forma como a tradutora aparece no texto, como ela se coloca e, dessa forma, como suas escolhas mostram – e ao mesmo tempo apagam – ao leitor norte-americano um texto que

parece se adaptar às crenças daquela que o traduz. Em 12 e 21, por exemplo, traduzir '**criado**' por '**someone**', e '**as negras do meu avô**' por '**my grandfather's former slaves**' são evidências daquilo que poderíamos chamar de tentativa de apagar ou de suavizar aquilo que no original é mostrado de forma bem direta. No exemplo 42, a dúvida toma o lugar da certeza, ou seja, enquanto o leitor brasileiro dá por certa a aparição do lobisomen "Na mata do Rolo **estava aparecendo** lobisomen", o leitor da tradução recebe tal informação da seguinte forma: "A werewolf **was supposed to have been seen** in the Forest" .

Agora, de quem seria a sensação de estranhamento diante do fato narrado em 40? Parece-nos certo afirmar que esse sentimento é exclusivo da tradutora, que faz uma avaliação do fato narrado. Essas escolhas criam efeitos de sentido que, embora possam estar presentes no texto em português, não se encontram em sua superfície, ou seja, não são dados ao leitor de forma explícita. Ao explicitar aquilo que estava implícito, a tradutora, de certa forma, dá ao leitor uma única forma de ver o fato, impondo, por assim dizer, aquela que foi a sua leitura. Finalmente, não vemos como explicar esses casos e outros, tais como a inclusão de '**seemed**', nos seis primeiros excertos, senão pela via ideológica que perpassa a interpretação feita por Emmi Baum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreender um estudo na área da tradução é tarefa prazerosa e também reveladora. Após essa etapa, somos capazes de melhor entender alguns fatores envolvidos no processo tradutório. Vimos, por exemplo, como a interpretação do tradutor pode, às vezes, alterar o significado ideacional dos textos; vimos, além disso, que as escolhas feitas pelo autor do texto fonte criaram efeitos de sentido específicos que, nem sempre, são vistos no texto alvo. Nesse sentido, o estudo sobre o papel exercido pela ideologia foi significativo, pois nos mostrou que o tradutor não faz escolhas neutras, antes, está inserido num contexto cultural que, queiramos ou não, deixa suas marcas em quem quer que se aventure na desafiadora tarefa do traduzir. Este trabalho também serviu de estímulo em minha prática como professor das línguas inglesa e portuguesa, pois me fez refletir sobre a enorme influência que a linguagem exerce na vida de todo cidadão, seja na forma como ela, através dos discursos, revela aspectos daquilo que estamos acostumados a chamar de realidade, ou os oculta. No espaço dedicado ao ensino, acredito ser possível estabelecer um diálogo entre este e a tradução, pois a discussão envolvendo as escolhas feitas por um autor e as possíveis soluções encontradas pelos alunos pode gerar um diálogo muito saudável, pois estão envolvidos nesse processo não apenas questões atinentes aos aspectos linguísticos da tradução, mas também e sobretudo aos de ordem cultural. Diante da realidade de um mundo em que as distâncias estão cada vez mais curtas e no qual diferenças, as mais diversas, se tornam um fato do cotidiano, os estudos da tradução podem ser um importante aliado na tarefa de conscientização sobre o papel que cada um de nós exerce na sociedade. Tymoczko (2007:297), por exemplo, alerta para a importância de os professores de tradução prepararem atividades que lidem com aspectos relativos ao significado e que possam auxiliar os alunos a entenderem a complexidade da construção dos significados nas traduções e da relação destas com a ideologia. Nessa jornada, o contato com a Linguística Sistêmico-Funcional foi de extrema importância. Foi esse conhecimento que nos possibilitou enxergar o texto como local de diferentes significados, sem abrir mão das noções de contexto, tão caras a essa corrente teórica iniciada por Halliday. Finalmente, como resultado dessa compreensão da relação entre língua e pensamento, incluindo aí questões de

conhecimento de mundo, ideologia, diferenças culturais, os anos noventa mostram que a figura do tradutor subserviente foi substituída pela do tradutor visivelmente manipulador, esse artista criativo mediador de línguas e culturas (BASSNETT, 2003). Mas o que mudou? Bohunovsky (2001) afirma que o que muda agora é que “o tradutor é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico – que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução. O tradutor tornou-se “visível”. Dessa forma, deixou-se de esperar do tradutor uma tarefa que, como diz Arrojo (1993), é impossível: um tradutor que seja não apenas invisível e inconspícuo, mas que possa também colocar-se na pele, no lugar e no tempo do autor que traduz, sem deixar de ser ele mesmo e sem violentar a sintaxe e a fluidez de sua língua, de seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo, Ática, 1986.
- _____. Tradução. In: JOBIM, J. L. (Org.) *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1992.
- _____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1993.
- _____. (Org.) *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, SP: 2. ed. Pontes, 2003.
- AUBERT, F. H. *Modalidades de tradução: teoria e resultados*. In: *TradTerm*, v. 5, n° 1, p.99-128, 1998.
- BAKER, M. (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 2001.
- BANKS, D. Emerging scientific discourse in the late seventeenth century: a comparison of Newton's *Opticks*, and Huygens' *Traité de la lumière*. *Functions of language*, 12.1, 2005.
- BASSNETT, S. *Estudos de Tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- _____. Culture and Translation. In: KUHIWCZAK, P.; LITTAU, K. (ed.) *A companion to translation studies*. Great Britain: Multilingual Matters Ltd., 2007.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BERBER SARDINHA, T. Corpora Eletrônicos na Pesquisa em Tradução. In: *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*, v. 9, n°1, p. 15-59, 2002.
- BERMAN, A. Translation and the Trials of the Foreign. In: VENUTI, L. *The translation studies reader*. London: Routledge, 2004.
- BLACK, E. *Pragmatic Stylistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

BOHUNOVSKY, Ruth. A (im)possibilidade da "invisibilidade" do tradutor e da sua "fidelidade": por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: NUT, 2001, v. 2, n. 8, p. 51-62.

BRIANS, P. *Common errors in English*. New York: William, James & Company, 2008.

CASTELLO, J. A. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. São Paulo, Edart, 1961.

CHESTERMAN, A. *Contrastive functional analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

COLLINS, C.J et al. *Translating truth: the case for essentially literal Bible translation*. Wheaton, Illinois: Crossway Books, 2005.

CORTAZZI, M. & JIN, L. Evaluating Evaluation in narrative. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in Text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: OUP, 2000.

COSTA, W. C. O Texto Traduzido como Re-textualização. Tradução inédita elaborada a partir do texto publicado em 1992 na revista *Ilha do Desterro*, 28, 133-155.

CUNHA, F. *Uma ficção chamada ciência*. Revista de Cultura Vozes 66: 37-44, 1972.

DESLANDES, S.F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, p.31-50.

DUCROT, O. *O dizer e o Dito*. São Paulo: Pontes, 1987.

EGGINS, S.; MARTIN, J.R. Genres and Registers of Discourse. In: VAN DIJK, T. *Discourse as structure and process*. London: SAGE Publ., 1997.

FAWCETT, P. *Translation and language: linguistic theories explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

FIGUEREDO, Giacomo. The flow of information in *Brian Aldiss' Supertoys Last All Summer Long* and its translation into Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress*, 2006.

FOWLER, Roger. *Language in the news*. New York: Routledge, 1991.

_____. KRESS, G. Critical linguistics. In: FOWLER, R.; HODGE, R.; KRESS, G.; TREW, T. (Ed.) *Language and control*. London: Routledge and Kegan Paul. P. 185-213.

_____. *Linguistic Criticism*. Oxford: OUP, 1996.

FREEDEN, M. *Ideology: a very short introduction*. Oxford: OUP, 2003.

FREYRE, G. *Novo Mundo nos Trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de livros, 2000.

GOUVEIA, C. A. M.; BÁRBARA, L. Marked or Unmarked, that is not the question. The question is: where's the theme? *Ilha do Desterro*, n. 46 (155-177), 2004

GREGOLIN, M. R.V. *A Análise do discurso: conceitos e aplicações*. Alfa, São Paulo: v.39, p.17, 1995.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 2^a ed., 2002.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.

HALLIDAY, M.A.K. Language structure and language function. In: LYONS, J. (ed). *New horizons in linguistics*. Middlesex: Penguin Books, 1970.

_____. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.

_____. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Hucitec, 1992.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita. Língua, sujeito e discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

HOUSE, J. Text and context in translation. *Journal of Pragmatics*, 38 (2006), 338-358.

HUGHES, J. *The philosophy of social research*. London: Longman, 1990.

HUNSTON S. & THOMPSON, G. *Evaluation in Text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: OUP, 2000.

IVO, L. Uma temporada no inferno e iluminações. In: ROCHA, D.S. et al. *A tradução da grande obra literária: depoimentos. Tradução e Comunicação*, 2. São Paulo, Editora Álamó, 1982.

KATAN, D. *Translating Cultures. An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2004.

KIM, M. Using Systemic Functional Text Analysis for Translator Education: An Illustration with a Focus on Textual Meaning. In: *The Interpreter and Translator Trainer* 1 (2), 2007, 223-246, St. Jerome Publishing.

LANDERS, C.E. *Literary Translation: a Practical Guide*. New Jersey: New Hersey City University, 2001.

LAVIOSA-BRAITHWAITE, S. Universals of translation. In: BAKER, M. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 2001.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LEWIS, P.E. The Measure of translation Effects. In: VENUTI, L. *The translation Studies Reader*. London: Routledge, 2004.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em LA: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, v.2, n.10, p.329-338.

_____. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: processos de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTIN, J.R. *English text: system and structure*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in Text: Authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J.R. Introdução. *Text* 23.2, 2003.

MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Translation Studies and Adaptation Studies. In: PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (eds.) *Translation Research Projects 2*. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009. p.51-58.

MILLS, S. *Discourse*. London: Routledge, 2004.

MORLEY, G.D. *Syntax in Functional Grammar: an introduction to lexicogrammar in systemic linguistics*. London: Continuum, 2000.

MUNDAY, J. *Style and ideology in translation: Latin American writing in English*. London: Routledge, 2007.

_____. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. London: Routledge, 2008.

MUNTIGL, P. *Policy, politics, and social control: A systemic functional linguistic analysis of EU employment policy*, 2002.

NIDA, E. A. *Signs, sense, translation*. Roggebaai, Cape Town: Bible Society of South Africa, 1984.

OTTONI, P. R. Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. In: *Lusorama für Zeitschrift*, n°32, Berlim, p.19-27, 1997.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M.L. Explorando interfaces: Estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C.M., PAGANO, A. (orgs.). *Competência na tradução: Cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG (177-207), 2005.

PÉREZ, M.C. *Apropos of Ideology. Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2003.

REGO, J. L. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. *Plantation Boy*. Tradução de Emmi Baum. New York, Alfred A. Knopf, 1966.

RUBEL, P.G.; ROSMAN, A. Translation and Anthropology. In: RUBEL, P.G.; ROSMAN, A. (ed.). *Translating Cultures: Perspectives on Translation and Anthropology*. Oxford: Berg, 2003.

SANTAELLA, L. *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1980.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. São Paulo: Cia. Editora Nacional e EDUSP, 1980.

SODRÉ, M. *A ficção do tempo: análise da narrativa de science fiction*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

TRAVAGLIA, N. *Tradução, retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

TYMOCZKO, M. *Enlarging Translation, Empowering Translators*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. New York, NY: Routledge, 2005.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London: Routledge, 1995.

_____. American Tradition. In: BAKER, M. (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 2001.

WHITE, P.R.R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text* 23.2 (259-284).

WHORF, B. L. *Language, thought and culture: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. New York, NY: Wiley, 1956.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.